



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE MEDICINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA**

**HERLEY MEDEIROS LINS**

**CORPO POROSO: PASSAGENS ENTRE FORMAÇÃO EM SAÚDE E ARTE**

**FORTALEZA**

**2016**

HERLEY MEDEIROS LINS

CORPO POROSO: PASSAGENS ENTRE FORMAÇÃO EM SAÚDE E ARTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Saúde Pública. Área de concentração: Saúde Coletiva

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

L731c Lins, Herley Medeiros.

Corpo poroso : passagens entre formação em saúde e arte / Herley Medeiros Lins. – 2016.  
55 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto.

1. Formação em saúde. 2. Filosofia da diferença. 3. Arte. I. Título.

CDD 610

---


HERLEY MEDEIROS LINS

CORPO POROSO: PASSAGENS ENTRE FORMAÇÃO EM SAÚDE E ARTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Saúde Pública. Área de concentração: Saúde Coletiva

Aprovada em: 30 / 05 / 2016.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



---

Prof. Dr. Cid Ottoni Bylaardt

Universidade Federal do Ceará (UFC)



---

Prof. Dr. Francisco Silva Cavalcante Junior

Universidade Federal do Ceará (UFC)



---

Profa. Dra. Gisele Soares Gallicchio (Convidada)

*A Olívia Morais de Medeiros Neta.*

## AGRADECIMENTOS

A Clarice Lispector, por ter tido uma coragem clandestina de existir, de desabrochar e de me enfeitiçar cedo na vida.

Educadoras e educadores que acenderam em mim o desejo de viver mais e de uma vida outra.

Professorinho Ursino, *disorientador* e amigo.

Tylla, amiga que partilhou das crises, dramas e delícias dessa escrita.

André Feitosa, que traz as estrelas sob negras e mágicas asas para instaurar um novo c(a)os/mos a cada encontro. Obrigado, amigo.

Ada Pontes, Roberto Josino e Milton Bitu, pela amizade sensível e poética, vocês também dão *cor* a essa escrita.

Ester Melo e Raquel Rigotto, por sempre emanarem forças revolucionárias e de amorosidade.

Layton Maia e João Câmara, pela doçura e as ondas do mar.

Profas. Ada Kroef e Gisele Gallicchio, por terem potencializado a contaminação deleuzeguattariana em mim.

Felipe Costa, que contribuiu de forma bela e inteligente na etapa de qualificação do projeto, e que, infelizmente, não pode permanecer na etapa de exposição pública.

Amigos do GEF e profa. Cristiane Marinho, pela rica interlocução.

Professor Cavalcante e amigos do NISE, pelas movimentações autênticas, os abraços, a somestesia que me fez passar incontáveis vezes pelo poro.

Professor Cid Ottoni, pela leitura paciente e generosa.

Amigos da turma de mestrado, pelos banhos de mar, piqueniques e lutas partilhadas.

Equipe SAD, Olívia Teles e Graça Viana, pelo apoio e compreensão quando precisei me ausentar nesse processo.

Mãe, pai e irmãozinho, pelo amor.

*“Minha mãe achava estudo  
a coisa mais fina do mundo.*

*Não é.*

*A coisa mais fina do mundo é o sentimento.*

*Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,  
ela falou comigo:*

*'Coitado, até essa hora no serviço pesado'.*

*Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com  
água quente.*

*Não me falou em amor.*

*Essa palavra de luxo.”*

*(Ensino, Adélia Prado)*

## RESUMO

O *corpo poroso* produz-se numa experimentação que se faz na imanência. Ele não pode ser considerado propriamente um conceito, muito menos um objeto, mas um agenciamento em curso numa travessia singular. Traçar as linhas e marcar os planos que o compõem são objetivos desta cartografia, que acompanha, ora movimentos de desterritorialização, ora de reterritorialização, deslizando e saltando *entre* estratos, percorrendo o interstício da vida. Esses deslocamentos dão-se entre os planos da literatura, da saúde, da filosofia e da educação, seguindo linhas ora segmentares, molares, ora linhas flexíveis, moleculares, impulsionando passagens, fluxos, escoamentos, fugas, vazamentos através do *poro*, conceito que permeia e fenestra todo o texto. A personagem clariceana G.H., uma médica intensivista, T.K., e uma paliativista, E.L., atravessam e são atravessadas por essas linhas, constituindo-se personagens conceituais e figuras estéticas, que se movimentam no plano de imanência, mas também em plano de composição. A educação é o plano sobre o qual conectam-se agenciamentos – cujos elementos envolvem instituições de ensino superior, unidades de terapia intensiva, hospitais – em linhas segmentares – biomedicina, humanização em saúde – e linhas molares – movimento estudantil, tamborete de bioética, liga de saúde da família, literatura. Nesse plano, a Educação Médica estratifica-se em organismo e rosto (eixos de subjetivação e de significação) a que se articula um corpo sem órgãos (*poroso*) e movimentos de borramento do rosto para constituir cabeças, zonas de indiscernibilidade. As personagens, correndo todos os perigos, atravessam desertos, cruzam limiares de intensidade, margeiam linhas de mistério e fogo e entram em devires numa tentativa de resistência às forças predominantes, de recusa à subjetividade capitalística, de afirmação de modos de vida outros, com implicações éticas, políticas, estéticas, epistêmicas, técnicas.

**Palavras-chave:** Educação Médica. Filosofia da diferença. Cartografia. Literatura. Arte.



## ABSTRACT

The *porous body* is produced in an immanent experimentation. It cannot be considered a concept, nor can it be conceived as an object, but an on going assemblage in a singular course. Drawing the lines and delineating the planes of it are the objectives of this cartography, which follows territorialization and deterritorialization movements, slides and jumps *in between* the strata, scrutinizing the interstice of life. These displacements take place amongst the plans of literature, health care, philosophy and education, following segmentary lines and molar threads, flexible lines and molecular threads, promoting transitions, fluxes, leakages, flights through the *pore* – concept which permeates and fenestrates the whole text. The claricean character G.H., an intensivist practitioner, T.K., and a palliative care physician, E.L., cross and are crossed by those lines, becoming conceptual characters and move through and onto the immanence plan, but also onto the composition plan. Education is the plane on which assemblages connect – its elements include colleges, hospitals, intensive care units – throughout segmentary lines – biomedicine, health care humanization – and molecular lines – student movement, bioethics tabouret, family care league, literature. On this plane, medical education stratificates in organism and face (significance and subjective axes) with which articulate a body without organs (porous body) and face blurring movements in order to produce heads and zones of indiscernibility. The characters, taking all the risks, cross deserts and intensity thresholds, follow lines of mystery and fire, and start new 'becomings' in an attempt to offer resistance to major forces, to refuse the capitalistic subjectivity, to affirm other ways of life, with ethical, political, esthetical, episthematic and technical implications.

**Keywords:** Medical Education. Philosophy of Difference. Cartography. Literature. Art.

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b> .....	10
<b>PASSAGEM I</b> .....	13
<b>Linhas, planos e máquinas</b> .....	13
<b>1.1 Como desenhar o silêncio ou como escorrer pelos poros</b> .....	14
<b>1.2. Do interstício</b> .....	25
<b>PASSAGEM II</b> .....	31
<b>Desertos e caravanas: G.H. vertiginosa</b> .....	31
<b>2.1. A Paixão Segundo G.H.: o fora e o neutro</b> .....	32
<b>2.2. A morte de G.H.?</b> .....	41
<b>PASSAGEM III</b> .....	48
<b>Porosidade: ode ao vento</b> .....	48
<b>3.1. Passagens e fluxos</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53

## PRÓLOGO

A cena é conhecida, se não por experiência própria, pela narrativa perspicaz de Tolstói: Ivan Ilitch, sentindo-se menos doente do que aborrecido, resolve consultar a opinião de um médico sobre seu estado de saúde, aquiescendo aos pedidos persistentemente reiterados pela esposa. Ivan Ilitch era juiz e estava, de certo modo, habituado aos procedimentos da burocracia por meio dos quais se conduziavam as vidas das pessoas. A sala de espera, onde ecoam e ganham amplitude as angústias, as perguntas e os ruídos indiscerníveis dos calçados arrastados no chão, dos narizes congestionados, das gargantas com seus pigarros, das conversas quase sussurradas, do som seco das páginas dos livros e das revistas sendo manuseadas, tudo na sala cria uma atmosfera distinta, ressonante: a iminência de uma anunciação. O consultório e seu médico com ar importante, solene, grave, doutoral. Difícil não perceber as semelhanças com o tribunal. Atrás e ao lado das perguntas prontas do médico, que também exigiam respostas já formuladas de antemão, Ivan Ilitch nota, demanda-se: “basta que você se submeta a nós, e havemos de arranjar tudo, sabemos sem dúvida como arranjá-lo, temos um padrão único para todas as pessoas<sup>1</sup>”.

O que talvez caracterize a expressão grave do médico, seu ar de quem tem sob controle a situação, apresente-se numa gestualidade modesta, bem demarcada, sintética, sem excessos, porém firme, acurada, sem lassidão nem langor. O médico parece saber exatamente o que faz, conhece onde se localiza cada coisa e, em particular, ordena que se saiba, como ele, como deve ser a vida. Não se trata aqui de um homem que não se importa, que está indiferente ao que acontece ao seu redor. Este médico perscruta Ivan Ilitch com seu olhar clínico, realiza as operações técnicas preconizadas para o exame rigoroso do caso, só então traz os óculos até a ponta do nariz com uma precisão cirúrgica e abre a boca como quem lê um decreto ou uma sentença. Para o profissional, há um problema que se localiza em algum lugar no organismo do paciente: ou nos rins ou no ceco.

Ivan Ilitch, por sua vez, pressente e adivinha que vive um momento de ruptura, de cisão na vida, dentro dela: há uma fenda através da qual se chega diante de um abismo. Um abismo “mais longínquo que toda exterioridade, e mais profundo que todo o mundo interior<sup>2</sup>”. Sua

---

<sup>1</sup> Tolstói, Lev, A morte de Ivan Ilitch, trad. B. Schnaiderman, São Paulo, Editora 34, 2009 (2 ed.) p. 37

<sup>2</sup> Deleuze, Gilles, Foucault, Paris, Les éditions de minuit, 2004 p. 103 “*Foucault ne cesse de soumettre l'intériorité à une critique radicale. Mais un dedans qui serais plus profond que tout monde intérieur, de même que le dehors est plus lointain que tout monde extérieur? Le dehors n'est pas une limite figée, mais une matière mouvante animée de mouvements péristaltiques, de plis et plissements qui constituent un dedans: non pas autre chose que le dehors, mais exactement le dedans du dehors.*” [tradução e grifo nossos]

expressão é a de quem contempla<sup>3</sup> esse abismo, e suas maneiras, vagas, balbuciantes. Ivan Ilitch convaléscente não tem um desarranjo no organismo, mas, antes, se encontra diante de uma situação que muda toda sua dinâmica de vida. Para ele, trata-se menos de saber onde está a doença, do que de saber se isso o fere de morte, isto é, em última instância, trata-se de saber o que irá acontecer, o que desmorona e como se desdobra.

Entre a forma firme e bem delimitada do médico e a movimentação tímida, que não chega ao fim, titubeante do doente, algo se passa. Há diferenças de ritmo, de velocidade, de densidade e cria-se um meio, uma atmosfera, que é a própria relação diferencial das forças que agem aí. No caso de Ivan Ilitch – e talvez no de muitas experiências individuais em atendimentos médicos – os vetores das forças no diagrama dos deslocamentos que se efetuam nesse meio mais se despotencializam (anulam) do que atuam sinergicamente. O efeito é que os deslocamentos são mínimos, e o movimento, estanque: até o final do livro, os médicos não são capazes de contemplar a pergunta que importa para Ivan Ilitch, e este não consegue preparar-se para morrer.

\*\*\*

A morte de Ivan Ilitch é um clássico da literatura mundial, e está fora do escopo dessa pesquisa a intenção de analisá-lo. No entanto, a descrição da cena em que, pela primeira vez, estão diante um do outro doente e médico nos permite adivinhar o que irá se desdobrar nas próximas páginas.

É fácil pensar que toda a questão entre Ivan Ilitch e os médicos se trata de uma má comunicação ou de uma falta de empatia por parte do profissional. Não obstante, desde Foucault<sup>4</sup>, é preciso considerar que o modo como essas relações se davam (e que continuam ecoando) foram constitutivos dos modos de subjetivação daqueles indivíduos, delineando determinadas possibilidades de existir num dado período histórico. Mais do que representar uma falta de tato do médico ou de assertividade do doente, o que se opera na cena em questão é a produção de dois lugares de enunciação, de duas linhas de subjetivação ou posições discursivas. Ivan Ilitch e seus médicos atualizam posições distintas que se articulam num jogo em que o que está em disputa é a produção e a efetuação das próprias posições e tendências – e não apenas uma inobservância moral. Não somente essas posições (doente e médico claramente

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre o conceito de contemplação: Deleuze, Gilles, *Diferença e Repetição*, trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado, 2 ed. Rio de Janeiro, Graal, 2006. p. 115-123

<sup>4</sup> Foucault, Michel, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, trad. Raquel Ramallete, 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.132.

demarcáveis, distintos, cada um como um território) permitem aos indivíduos uma série de possibilidades moralmente definidas de como se comportar, mas também se articulam politicamente no *socius* que a elas se relacionam: a sociedade europeia – bem como suas herdeiras –, capitalista, pós-revolução industrial com seus modos específicos de governar e limitar os corpos, o desejo, a Terra, enfim, com seus modos de vida e de pensamento majoritários.

Ora, apesar de essas práticas discursivas ainda ressoarem com muita força na contemporaneidade, a atualização dessas posições não se dá todas as vezes de modo homogêneo, e, com efeito, há bifurcações inesperadas nos processos, surgimento de linhas anômalas de diferenciação, processos de atualização que escapam à própria tendência. Esses modos desviantes, marginais, malditos, loucos, encantados, resistentes podem ou não contraefetuar as relações de poder estabelecidas, criando novas espacialidades, heterotopias<sup>5</sup>, apresentando formas outras de viver e de pensar, configurando novas imagens do pensamento, menores, mais potentes, insurgentes, tanto mais vertiginosas quanto mais sóbrias.

É porque há pensamentos menores, cosmopolíticas<sup>6</sup>, devires, vidas outras que existe essa pesquisa. Ela se endereça a quem vem.

---

<sup>5</sup> Para fazer jus aos afectos que são emitidos pelo belo texto de Foucault, citado logo adiante, seria talvez mais adequado reproduzi-lo na íntegra. Como isso não é possível, ficamos com o trecho que se segue: “Pois bem, sonho com uma ciência – digo mesmo uma *ciência* – que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as *hetero*-topias, espaços absolutamente outros; e, forçosamente, a ciência em questão se chamaria, se chamará, já se chama 'heterotopologia'.” Foucault, Michel, O corpo utópico; As heterotopias, trad. Salma Tannus Muchail, São Paulo: n-1 Edições, 2013. p.20-21.

<sup>6</sup> Cosmopolítica é um conceito retomado na contemporaneidade por Isabelle Stengers e desenvolvido por Bruno Latour e outros pensadores no campo da antropologia política que se caracteriza pelas combinações, na esteira do pensamento político, de elementos humanos e não-humanos. Em DANOWSKI, Déborah et al (2014), lê-se, a respeito dos efeitos das mudanças climáticas no pensamento contemporâneo: “Não se trata apenas, portanto, de uma 'crise' no tempo e no espaço, mas de uma corrosão feroz do tempo e do espaço. Este fenômeno de um colapso generalizado das escalas espaciais e temporais (o interesse contemporâneo pelos fractais não parece ser acidental) anuncia o surgimento de uma continuidade ou convergência crítica entre os ritmos da natureza e da cultura, sinal de uma iminente 'mudança de fase' na experiência histórica humana [...] uma continuidade mitológica, ou, em outras palavras, cosmopolítica”. Danowski, Déborah, Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins, Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014. p. 30.

**PASSAGEM I**

**Linhas, planos e máquinas**

## 1.1 Como desenhar o silêncio ou como escorrer pelos poros

Essa cartografia possui incontáveis proveniências. Na verdade, pode-se dizer que ela nunca começou, ou melhor, não possui uma origem única, localizável, mas incontáveis começos, entradas possíveis, cortes arbitrários. As linhas, retas, curvas, círculos, pontos são elementos infinitos, passíveis de determinados recortes, segmentarizações, combinações, arranjos, operações arbitrárias que produzem em suas relações funções, conceitos e afetos.

Assim, não se trata aqui de recorrer a um resgate da memória, a uma certa biografia que explique o surgimento desse trabalho, seus pressupostos, sua filiação e que, de algum modo, permita desvelar sua dinâmica oculta, sua real face. Nada disso. Trata-se, antes, de percorrer sua geografia, seus relevos e acidentes, de acompanhar as margens dos córregos e traçar seu desenho. O córrego não é a verdade do rio, e é dessa maneira que incontáveis encontros me percorrem, cavam finos sulcos em minha pele, imperceptíveis, desobstruem novos poros, por meio dos quais todo um outro fluxo de afectos (passagens, durações) e contágios se viabiliza, ao passo que outros fluxos são cortados. Maquinação.

Dessa maneira, é no próprio movimento de percorrer as linhas e suas bifurcações, desaparecimentos, cruzamentos que se cria um corpo poroso, eixo problemático percorrido pelos traços que essa cartografia busca marcar. É isto o problema: do grego, *pro ballo*, aquilo que se lança adiante<sup>7</sup> – como criar um corpo poroso? Criação aqui não é tomada como atividade exclusivamente racional de planejamento e execução a partir de modelos abstratos quaisquer. Tampouco pode ser considerada um mero espontaneísmo. O que temos chamado corpo poroso é uma produção que se dá na imanência da vida, que extrapola tanto a razão, quanto o binarismo corpo/mente, razão/emoção, sujeito/objeto, eu/outro, aparência/essência, interior/exterior. Configura-se, antes, como uma invenção de si por meio de rigorosas experimentações que seguem numerosos fluxos, que sofrem cortes inesperados e que engendram máquinas, fazendo algo funcionar. Sempre coletiva, ainda quando individual – cada indivíduo é também habitado e atravessado por populações, compondo agenciamentos, todo um maquinismo.

Nesse sentido, tomemos a máquina pé-parede-rede-livro como primeiro exemplo, ou primeiro traço intensivo nesse plano. Foi numa manhã qualquer de férias escolares, aos 14 anos de idade, embalado no suave movimento pendular produzido por esta máquina, que Clarice

---

<sup>7</sup> Silva Neto, Francisco Ursino da, Genealogia do problema: o que é pensar? (Parte 2). Texto didático para debate em sala de aula no mestrado em Saúde Pública, Universidade Federal do Ceará, 2014.

Lispector me lançou um feitiço, ou uma profecia:

Ela seria fluida durante toda a vida. Porém o que dominara seus contornos e os atraía a um centro, o que a iluminara contra o mundo e lhe dera íntimo poder fora o segredo. Nunca saberia pensar nele em termos claros temendo invadir e dissolver sua imagem. No entanto ele formara no seu interior um núcleo longínquo e vivo e jamais perdera a magia – sustentava-a na sua vaguidão insolúvel como a única realidade que para ela sempre deveria ser a perdida.<sup>8</sup>

Foi por meio dela que soube pela primeira vez que o universo começou quando uma molécula disse sim a outra <sup>9</sup>ou que não se pensa propriamente com palavras, mas *entre* os processos de condensação, de sedimentação, de rarefação e de translocação de nebulosas e turvas nuvens<sup>10</sup>.

Seria preciso talvez dizer que os encontros com Clarice sempre foram algo clandestinos. Isso porque não fomos apresentados formalmente pelo currículo escolar. Ela estava me esperando numa enferrujada prateleira de biblioteca, e/ou eu a estive esperando até que a prateleira me chamasse daquela vez. Folha que se descola do galho de uma árvore e mergulha no vazio em linha tracejada até encontrar-se, oblíqua, com o tracejado do transeunte apressado que, sem sabê-lo, ouviu seu chamado. Clarice conduz-me ao inefável e ao silencioso grito de mistério de tudo, abrindo poros por meio dos quais verdadeiros redemoinhos passam, proliferando-os. Fina navalha que delineia um devir-mulher<sup>11</sup>. Esse feitiço clariceano ecoa nessa cartografia por todos os lados.

Apesar do devir C.H. – carinhosamente, Clarice&Herley – se constituir como um importante componente que permeia elementos e fluxos nesse trabalho, há ainda outros que

<sup>8</sup> Lispector, Clarice, *O Lustre*, Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 9.

<sup>9</sup> “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.” Lispector, Clarice, *A Hora da Estrela*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 11.

<sup>10</sup> “Para pensar profundamente alguém devia não se lembrar de nada em particular. Purificou-se de lembranças, ficou-se atenta. Como para ela era sempre fácil nada desejar, manteve-se parada sem mesmo sentir as sombras negras do porão. Foi-se distanciando como numa viagem. Aos poucos ia conseguindo um pensamento sem palavras, um céu cinzento e vasto, sem volume nem consistência, sem superfície, profundidade ou altura. Às vezes, como ligeiras nuvens soltas do fundo, o céu era atravessado pela vaga consciência da experiência e do mundo fora de si mesmo.” Lispector, Clarice, *O Lustre*, Rio de Janeiro: Rocco, 1999. pp. 59, 60.

<sup>11</sup> No pensamento de Deleuze e Guattari, devir algo não significa tornar-se semelhante a esse algo, mas sim extrair no encontro com esse algo uma certa potência para proliferar diferença, de modo que a hifenização marca que há na verdade um bloco de devir – por exemplo: devir-animal, devir-criança, devir-mulher. Em suas palavras: “O homem não se torna animal senão quando o animal, por seu lado, torna-se som, cor ou linha. É um bloco de devir sempre assimétrico. Não que os dois termos se permutem, eles não se permutam de modo algum, mas um só se torna o outro se o outro se torna outra coisa ainda, e se os termos se apagam.” Deleuze, Gilles, Parnet, Claire, *Diálogos*, tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 87.



merecem ser demarcados. Durante a minha graduação em medicina, duas experiências proporcionaram outras conexões, distintas daquelas geralmente disponíveis numa trajetória de formação exclusivamente curricular<sup>12</sup>: o projeto de extensão Liga de Saúde da Família<sup>13</sup> e o Movimento Estudantil (ME). A Liga foi um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, iniciado no ano de 2007, que procurava produzir novos arranjos nas práticas de saúde por meio de encontros entre os diversos saberes acadêmicos do campo da saúde – medicina, enfermagem, psicologia, gestão hospitalar, farmácia, odontologia e educação física eram os cursos de proveniência dos bolsistas – e entre esses saberes e os populares tradicionais, assim como incentivo à participação em experiências comunitárias de cuidado – por exemplo, o Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim, uma experiência comunitária de cuidado no contexto da luta antimanicomial<sup>14</sup>. As atividades da Liga se movimentavam sobretudo no campo da chamada Educação Popular em Saúde, animada pelas concepções freireanas de educação e por teóricos do campo da saúde coletiva, marcadamente de orientação fenomenológica e/ou histórico-dialética.

O ME é uma forma de articulação estudantil hierarquizada, semelhante ao movimento sindical, – aglutinando porém também grupos não necessariamente vinculados a instituições de ensino, mas compostos por estudantes – e promove ações e eventos diversos no sentido de operar uma política implicada com interesses que permeiam sobretudo o cotidiano dos estudantes.

Apesar de ambos guardarem especificidades e de se constituírem formalmente, institucionalmente, como dois regimes distintos, tomarei a ambos como um bloco Liga-ME, que catalisou uma série de encontros com outros modos de pensamento, outros lugares (heterotopias), modos de vida, práticas de cuidado, bem como oportunizou desconstruções e reordenamentos nos planos ético-moral, estético e político. Nos espaços abertos pelo bloco Liga-ME, assentava-se uma outra atmosfera, mais quente e arejada do que a sufocante e seca atmosfera presente na maior parte da graduação. Fugia-se pelas frestas de Liga-ME. No entanto, não se fugia para simplesmente deixar algo para trás. Pelo contrário, era na fuga que se encontravam e que se criavam as máquinas de guerra que se utilizavam contra os

---

<sup>12</sup> Para uma discussão sobre currículo x educação, Cf. KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. Currículo-nômade: sobrevivências de bruxas e travessias de piratas. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

<sup>13</sup> Será referido no corpo do texto apenas como Liga.

<sup>14</sup> Para maiores informações sobre a Liga, Cf. BARRETO, Ivana Cristina de Holanda Cunha et al. Gestão participativa no SUS e a integração ensino, serviço e comunidade: a experiência da Liga de Saúde da Família, Fortaleza, CE. *Saude soc.* [online]. 2012, vol. 21. ISSN 0104-1290

(micro)fascismos do reducionismo científico do paradigma biomédico, da pobreza estética da maior parte das experiências educacionais, que, com raras exceções mais à frente citadas, reafirmavam uma moral ascética, disciplinada, conservadora, politicamente autoritária, vividos no cotidiano das salas de aula – transmissão vertical – , mas também reproduzidos, propagados entre os estudantes e médicos com quem tinham contato em estágios e outras práticas de campo – transmissão horizontal. Com efeito, a fuga, para Deleuze, nunca é desistência:

[...] eles pensam que fugir é sair do mundo, místico ou arte, ou então alguma coisa covarde, porque se escapa dos engajamentos e das responsabilidades. Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vaziar como se fura um cano.<sup>15</sup>

Embora a linha de fuga traçada para as práticas moleculares de Liga-ME tenha acelerado muitos fluxos de desconstrução, não se pode dizer que as instituições não fossem elas próprias também crivadas de linhas de enrijecimentos e de pequenos fascismos de outras ordens. Marcar esses traços, entretanto, seria uma outra cartografia. É bem verdade, ainda, que não se escoava apenas por meio dessa abertura. Salas de cinema, saraus, cafés do circuito de produção artística e intelectual alternativo da cidade, bares, conversas sob as mangueiras do campus, casas dos amigos, experimentações espiritualistas, orientais, todos eram rotas de fuga para novos enfrentamentos, fugas com criação de outras formas de resistência. Há que se dizer, todavia, que a linha de fuga não é apenas criação, mas também morte, e nas fugas pode haver também muita aridez, o que torna a fuga perigosa e arriscada, porém necessária ao desejo. Não obstante, enquanto bloco de afecções, a Liga-ME proporcionou inúmeros trânsitos, passagens, atravessamentos, desorganizações e deslocamentos num corpo médico em formação.

Dessas linhas de fuga, talvez uma se destaque por sua astúcia. Uma desdobramento no próprio currículo médico. Uma abertura por onde passam linhas de fuga para assinalar um agenciamento singular que resiste ao prolongamento das linhas duras, às segmentaridades acadêmicas, formais e médico-disciplinares. Esse tipo de máquina recusa-se a se chamar disciplina, para não fazer referência às tecnologias disciplinares de regramento dos corpos, e também recusa-se a chamar-se cadeira, pois soa-lhe algo autoritário, hierárquico. Essa experiência pedagógica prefere ser remetida à imagem do tamborete. O tamborete é o lugar das conversas informais, das brincadeiras infantis, daquilo que acontece da forma mais

---

<sup>15</sup> Deleuze, Gilles, Parnet, Claire, *Diálogos*, tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 49

despretensiosa. É no tamborete que se buscam piolhos nas cabeças das crianças, lugar de convívio, de troca de cuidado e de afeto. Lugar também de circulação do infame e do nojo. Tipicamente, no sertão do Nordeste brasileiro, o tamborete também está relacionado ao preparo de alimento. É nele que se acoplam outros instrumentos como ralador de coco, para o preparo de sobremesas, ou, neste caso específico, o martelo nietzschiano para as desconstruções e o caleidoscópio para, no dizer Manoel de Barros<sup>16</sup>, “transver as coisas”. Saber e sabor. O tamborete de Bioética no quinto semestre da graduação do curso de medicina constitui-se em uma linha de fuga, traço intensivo por onde passam afetos, afecções cosmopolíticas, experimentações artísticas, criação de novos modos de vida, vida dançante. Uma verdadeira máquina de guerra fabricada com as próprias peças do aparelho de Estado e da instituição universitária. Cavalo de Troia. Esse encontro produziu uma escrita de si e outros modos de pensar corpo:

Nessa experiência pedagógica, vivenciada por mim e pelo grupo, o percurso enquanto método foi construído como devir e teve o cuidado de revisitar-se e de se por em questão todas as vezes que a necessidade de uma desconstrução para um novo começo se mostrou significativa<sup>17</sup>.

Esse deslizamento de planos – político, estético, ético, educacional, profissional – faz proliferar caminhos, zonas de indiscernibilidade, aberturas para novos encontros, novas conexões. Nesse sentido e no cruzamento dessas e de muitas outras linhas e planos é que se dá o encontro com a filosofia da diferença, em especial com o pensamento de Deleuze e Guattari, que também serve como matéria de experimentação para a composição dessa cartografia.

Nessa perspectiva, interessa à cartografia acompanhar um certo processo, marcar as linhas que o compõem, sublinhar os fluxos que estão em jogo. Trata-se de um tipo de geografia do pensamento.

Uma cartografia constrói um plano, traça percursos que são imanentes à própria produção de realidade – entendida como multiplicidade. Ela é composta por traços intensivos, estabelecendo relações de vizinhança constitutivas da singularidade. Assim, a cartografia diferencia-se de certos procedimentos científicos por ser impossível separá-la do acontecimento, da sua instituição, da sua composição, das suas relações.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Manoel Wenceslau Leite de Barros, poeta brasileiro, natural de Cuiabá.

<sup>17</sup> LINS, Herley Medeiros, O poro interrogado: relato sobre bioética, arte e coisas miúdas. Orientação: Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto. In: XIX Encontro de Iniciação à Docência da UFC. Fortaleza, 2010.

<sup>18</sup> KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. *op cit.* p. VIII

Desse modo, uma cartografia não tem qualquer pretensão de verdade, nem de generalização, nem de universalização. Ela sempre se presta a constituir máquina com uma outra coisa, a produzir contraefetuações de poder, a resistir à subjetividade capitalística<sup>19</sup>, a fazer algo fluir. A cartografia remete à multiplicidade e prescinde tanto de sujeito quanto de objeto. Tudo o que há são agenciamentos<sup>20</sup>. Há fluxos e cristalizações, linhas e estratos. As máquinas aglutinam-se e explodem-se, põem-se a funcionar e inativam-se, puxam partes umas das outras e expõem partes suas, que, por sua vez, reutilizam, tornando-se outra coisa a cada momento. Dessa maneira, dissolve-se a noção de identidade da qual dependem tanto sujeito quanto objeto:

Em cada um de nós há como que uma ascese, em parte dirigida contra nós mesmos. Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e floras. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras. E todos esses povoados, todas essas multidões não impedem o deserto, que é nossa própria ascese; ao contrário, elas o habitam, passam por ele, sobre ele. [...] O deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam.<sup>21</sup>

Ora, o deserto é uma superfície lisa, um plano, sendo esta uma dimensão de grande interesse para uma filosofia da diferença<sup>22</sup>. A profundidade e a interioridade não são outra coisa senão dobras na superfície, invaginações<sup>23</sup>. É na superfície que se inscrevem os acontecimentos, criando corpo, lugar de dissociação do Eu e perpétua pulverização do próprio volume<sup>24</sup>, em

---

<sup>19</sup> “Este autor [Guattari] aponta o Capital, o Significante e o Ser como três referentes capitalísticos [...] Estes referentes constituem um tipo de subjetividade, a capitalística, que produz fluxos que atravessam todas as sociedades, independentemente do seu modo de produção. O capital, em sua imanência, intercepta diferentes modos de existência, imprimindo uma lógica baseada no referente, nas noções de identidade e semelhança, na homogeneização, na padronização e no controle. A subjetividade capitalística produz-se através de territórios e de seus movimentos de desterritorialização (rupturas) e reterritorialização (capturas). Os territórios capitalísticos correspondem à referência e ao reconhecimento em um determinado padrão, em uma subjetividade fechada em si mesma, em identidades. Esta subjetividade investe na sujeição pelo controle do signo através da produção de sentidos, de modelos.” *Ibid.* p. 35

<sup>20</sup> “Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem, de uma parte, *lados territoriais* ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, *picos de desterritorialização* que o arrebata.” DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 2, trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, São Paulo: Ed. 34, 1995. p. 31

<sup>21</sup> DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, *op cit.* p. 19.

<sup>22</sup> Vide DELEUZE, Gilles, *Lógica do sentido*, trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 12 Nota de rodapé 7.

<sup>23</sup> Nesse sentido, a superficialidade se relaciona muito mais à amplitude, às redes de conexão, às velocidades e aos deslocamentos do que à banalidade e à besteira a que a remete o senso comum.

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel, *Microfísica de poder*, org. Roberto Machado, 26ª ed, São Paulo: Graal, 2013

movimentos de criação de si. A esse corpo inumano, intensivo, pleno e sempre em criação Deleuze e Guattari se referem como Corpo sem Órgãos (CsO).

O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer, um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil<sup>25</sup>.

É preciso, no entanto, tratar com muita prudência o CsO. É enganoso pensar que ele seja algo, uma entidade, um objeto, ou mesmo um conceito. O CsO é algo que se cria, uma força. Ele é o que já está aí, apesar de não existir previamente<sup>26</sup>. Também é insuficiente pensar que cada um deve produzir o seu, pois ele permeia todas as coisas. É sobre o CsO que se cria, apesar de também poder haver muitos e distintos CsO. Ele é reinvenção contínua, força orgástica, desconstrução do organismo (sem no entanto destruí-lo), ordenamento intensivo dos órgãos para criação, desterritorialização.

Os pensadores franceses buscam deixar bem claro que o corpo sem órgãos não é de maneira alguma o contrário dos órgãos. Estes não são seus inimigos. Seu inimigo é a organização dos órgãos denominada organismo. [...] O organismo é o próprio juízo de Deus (juízo da ciência), é o contra-corpo, é a insuportabilidade quanto ao CsO, pois este é força do devir, é multidão de sentidos, é pele, é superfície, é turbilhão metaestável, o contrário da profundidade do eu e da altura dos deuses e da razão, que são promessa de sossego eterno<sup>27</sup>.

Esse movimento de desconstrução do organismo não se faz de qualquer modo, alertam os pensadores franceses. Se o organismo se constitui em estrato, é preciso encontrar suas brechas, suas fragilidades, o fora que é imanente a ele, sob o risco de, num movimento demasiado violento, produzir-se um desmoronamento mais aprisionador, mais perturbador e destrutivo que um regime de controle, de representação, de individuação. Com efeito, há que atentar-se para não se recorrer a dualismos fáceis, pois, mesmo no movimento de efetuação do CsO, é prudente – prudência que nada tem de moral ou racional, mas faz-se qualidade seletiva imanente ao acontecimento – sempre deixar um pouco de organismo, um pouco mesmo de

<sup>25</sup> DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3, trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. – São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª Edição) p. 24

<sup>26</sup> “Seria preciso dizer a um só tempo: você já o tem, você não sente um desejo sem que ele já esteja aí, sem que ele se trace ao mesmo tempo que seu desejo – mas também: você não o tem e você não deseja se não consegue construí-lo, se você não sabe fazê-lo, encontrando seus lugares, seus agenciamentos, suas partículas e seus fluxos. Seria preciso dizer a um só tempo: ele se faz sozinho, mas saiba vê-lo; e você deve fazê-lo, saiba fazê-lo, tomar as boas direções, correndo risco e perigo.” DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, *Diálogos*, tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 106.

<sup>27</sup> LIMA, Jefferson Pinheiro, SILVA. *A guerrilha do corpo sem órgãos contra a transcendência da tecnologia contemporânea*, Monografia, Universidade Estadual do Ceará, 2011. p. 58.

subjetividade e de interpretação para, de algum modo, exercer contraefetuações ao poder e responder à realidade majoritária em seus próprios termos, sem desmoronar<sup>28</sup>.

A prova do desejo: não denunciar os falsos desejos, mas, no desejo, distinguir o que remete à proliferação de estratos, ou bem à desestratificação demasiada violenta, e o que remete à construção do plano de consistência (vigiar inclusive em nós mesmos o fascista, e também o suicida e o demente.). O plano de consistência não é simplesmente o que é constituído por todos os CsO. Há os que ele rejeita, é ele que faz a escolha, com a máquina abstrata que o traça. E inclusive num CsO (o corpo masoquista, o corpo drogado, etc...) distinguir aquilo que é componível ou não sobre o plano<sup>29/30</sup>.

Nessa perspectiva, há três tipos de estrato: organismo, subjetivação e significação. O eixo do organismo se constitui no primeiro eixo da máquina abstrata de estratificação. O organismo dá concretude ao agenciamento. Ele formaliza, aglutina, produz uma organização hierarquizada, um telos, do qual retira trabalho útil. Relaciona-se a ele o CsO, que o desestratifica, fazendo vazar fluxos de desterritorialização. O eixo de significação agencia significante e significado, produzindo interpretação, explicação e portanto, representação. A subjetivação, por sua vez, sobrecodifica e sujeita. O arranjo entre os eixos de significação e subjetivação produz um rosto. *O rosto é um mapa e uma sobrecodificação do corpo. A máquina abstrata produz rosto e rostificação, pois o rosto é uma política*<sup>31</sup>. Assim, é no borramento do rosto em cabeça, na criação de zonas de indiscernibilidade<sup>32</sup>, que se opera uma política de

<sup>28</sup> “É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Imitem os estratos. Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente.” DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3, trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. – São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª Edição) p. 26

<sup>29</sup> DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3, trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. – São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª Edição) p. 32

<sup>30</sup> Sobre as máquinas abstratas, o texto da professora Ada Kroef é especialmente esclarecedor: “As máquinas abstratas operam agenciamentos concretos. Seus traços atravessam e compõem os arranjos, bem como conectam as máquinas numa espécie de maquinismo. [...] No plano de imanência, cada máquina abstrata pode ser considerada um platô de variação, que coloca em continuidade variáveis de conteúdo e de expressão, delineando os estratos. O estrato é uma unidade de consistência ou composição que conforma, no próprio plano de consistência, espessamentos, coagulações que se organizam e se desenvolvem segundo eixos de um outro plano. A máquina abstrata é um conjunto consolidado de matérias-funções (*phylum* e diagrama). O *phylum*, matéria-movimento, percorre os diferentes arranjos, conectando-os, desterritorializando-os. O diagrama, expressão-movimento, constitui traços que cruzam os arranjos, compondo uma espécie de unidade desse maquinismo, definindo, ou não, os contornos dos estratos.” KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. *Currículo-nômade: sobrevôos de bruxas e travessias de piratas*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. pp. 55, 56.

<sup>31</sup> *Ibid.* p. 56.

<sup>32</sup> “As deformações pelas quais o corpo passa são também *os traços animais* da cabeça. Não se trata de modo algum de uma correspondência entre formas animais e formas de rosto. Com efeito, o rosto perdeu sua forma

proliferação da diferença, da liberação de fluxos de desterritorialização e de afirmação de modos outros de vida.

Dessa maneira, os traços diagramáticos são linhas extensivas que compõem a máquina abstrata de estratificação, atravessam os agenciamentos e conectam diversos tipos de máquina num dado plano, orientando sua distribuição num certo maquinismo, marcando reterritorializações. Um mesmo plano é também percorrido por traços intensivos, que tensionam os elementos, as zonas e os traços diagramáticos do plano no sentido de sua contraefetuação, de seu plano de consistência – conjunto de CsO viáveis – e da deformação de seu rosto.

Assim, pode-se considerar o corpo poroso como um tipo de CsO que permanece em experimentação e reinvenção, e cujas linhas, traços e demais elementos procura-se marcar nesta cartografia, a todo momento percorrida pela pergunta: como exercer, ou como criar um corpo poroso na formação de um médico?

Nesta cartografia, a educação médica<sup>33</sup> constitui-se como máquina abstrata que estratifica o plano da educação em organismo médico e rosto médico.

A educação pode ser considerada um plano de imanência quando é apresentada como um movimento do pensamento, envolvendo o pensado e o não pensado. Ela compõe uma superfície que, ao mesmo tempo, se estria, se dobra – conformando estratos e instituindo uma máquina abstrata – e se desfaz no caos, se desterritorializa em corpo sem órgãos<sup>34</sup>.

Os traços diagramáticos ligam diversas séries e blocos estratificados, máquinas sociais técnicas e agenciamentos coletivos de enunciação, atualizando-se nos hospitais, nas instituições de ensino, nas políticas públicas de saúde, nas sociedades e associações médicas, nos programas televisivos direcionados a questões de saúde/doença, na figura do especialista, na constituição de equipes multiprofissionais, na elaboração do ato médico, na legislação que concerne às práticas assistenciais à saúde, na bioética, na figura do paciente, do moribundo, da pessoa saudável, na epidemiologia, nas populações sanitárias, na vigilância sanitária, na política de humanização, o jargão médico, o programa curricular da graduação em medicina, etc. Esses traços permeiam relações e noções como responsabilidade, competência, sucesso profissional,

---

sofrendo as operações de limpeza e escovação que o desorganizam, fazendo surgir uma cabeça em seu lugar.” Francis Bacon: lógica da sensação, trad. Roberto Machado et al. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 28.

<sup>33</sup> Neste trabalho, optou-se por utilizarem-se os termos formação e educação indistintamente.

<sup>34</sup> KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. Currículo-nômade: sobrevôos de bruxas e travessias de piratas. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. p. 57

hierarquia, autoritarismo, paternalismo, bem, cuidado, vida, morte, higiene, moral.

Ao deslocar e costurar planos diversos (educação, saúde, direito, moral), a educação médica, enquanto máquina abstrata, reterritorializa a prática médica, criando o médico como figura transcendente, um tipo, um sujeito a que se acoplam comportamentos, posturas, gestos, um repertório cultural específico, composições estéticas limitadas. Rostidade. Nesta cartografia, o rosto médico é sublinhado por dois personagens – um médico intensivista e um médico paliativista – que entram em devir, deslocando-se entre as linhas molares dos estratos e as linhas moleculares de desterritorialização<sup>35</sup>.

Nesse sentido, a escrita de Clarice Lispector constitui-se como importante tensor que dispara linhas de fuga, as quais dissociam sujeito – enunciado<sup>36</sup>, fazendo passar outras intensidades, outros fluxos, proliferando singularidades. Escrita intensiva<sup>37</sup>, menor, que tudo faz escorrer pelas bordas.

O texto clariceano é o desvio de qualquer teoria ou modelo com pretensões universais ou personalistas, não busca representar nada, não pretende salvação, pois não possui finalidade nenhuma a não ser respirar, viver, ser afetado e afetar, correr como o fluxo mesmo da existência, transbordar signos que nos acordem os instintos. É uma pedagogia do risco, pois se traça num ritmo em que a escrita vai se inventando a partir do não sabido, do que surpreende. Por isso a necessidade de se estar sempre à espreita, num jogo de atenção/distração em que o desconfortável da vida é a abertura para uma alegria difícil, mas duradoura, pois se fia no próprio instante intensivo da experimentação, e assim não precisa de nenhuma prótese invasora ou de qualquer promessa de transcendência ao vivido afectivo/efetivo.<sup>38</sup>

G.H., personagem clariceana, torna-se então personagem conceitual, percorrendo as

---

<sup>35</sup> Para Deleuze e Guattari, as linhas moleculares também podem alimentar padrões (molares). No entanto, esse tipo de molecularidade não será priorizado nesta cartografia.

<sup>36</sup> “O enunciado não remete a um sujeito de enunciação que seria sua causa, não mais que a um sujeito de enunciado que dele seria o efeito. [...] Não há sujeito, *há apenas agenciamentos coletivos de enunciação* – e a literatura exprime esses agenciamentos, nas condições em que eles não estão dados fora dela, e em que eles existem somente como potências diabólicas porvir ou como forças revolucionárias a construir. A solidão de Kafka o abre a tudo o que atravessa a história hoje. A letra K não designa mais um narrador nem um personagem, mas um agenciamento tanto mais coletivo quanto mais um indivíduo se encontra a ele ligado em sua solidão” DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. pp. 37, 38.

<sup>37</sup> Em entrevista à TV Cultura, Clarice Lispector conta, com alguma surpresa, que, a propósito do livro *A paixão segundo G.H.*, um professor de português recorre a ela em particular para esclarecimentos, pois, mesmo após lê-lo três vezes, não consegue compreender sobre o que trata a obra. A isso, Clarice contrapõe o depoimento de uma estudante de 17 anos que tem *A paixão segundo G.H.* como livro de cabeceira e chega à conclusão que sua escrita é antes para se entrar em contato (experimentar) do que para se entender (interpretar: significante – significado). “Panorama com Clarice Lispector”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>>. Acesso em: 08 mai. 2016.

<sup>38</sup> LIMA, Jefferson Pinheiro. *A guerrilha do corpo sem órgãos contra a transcendência da tecnologia contemporânea*, Monografia, Faculdade de Filosofia, Universidade Estadual do Ceará, 2011. p. 68.



passagens *entre* os planos da filosofia, da arte e da ciência, margeando o fora intrínseco à imanência, dispersando e reordenando conceitos, para assim aumentar a potência de resistir, de fluir, de reinventar a si.

Tocar os dedos de G.H. é desdobrar-se em deserto, percorrer seus relevos móveis, irmanar-se de suas multidões caóticas. Cílios femininos, olhos negros de barata, figuras rupestres, neutro intensivo da vida – puro devir.

## 1.2. Do interstício

*“Dá-me a tua mão: Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia.” (Clarice Lispector)<sup>39</sup>*

Eis o convite: e se segurássemos essa mão que quer provar os interstícios do pensamento e da vida, como seria? Que paisagens haveria? Que transmutações sofreríamos? Quando a apertaríamos por medo de desmoronar ou de não poder mais voltar? Quando teríamos de liberá-la para podermos seguir? Quanto estaríamos dispostos a suportar, ou melhor, quanto de nós mesmos estaríamos dispostos a dissolver, a misturar, a expor nos interstícios da vida? Haveria ainda muitas outras questões, mas apenas uma realmente tem precedência: “Dá-me tua mão”?

Uma vez seduzidos pelo convite, como acessar o interstício, por meio de quê, em que momento, parecem recortes mais arbitrários, secundários. Poderíamos, por exemplo, partir da definição histológica de interstício<sup>40</sup>, que se caracteriza como um espaço entre no mínimo duas células, dois termos do organismo. O interstício compreende o meio. Ele é a própria expressão da relação dos termos. Mais do que representar um espaço abstrato onde se distribuem as células, o interstício é aquilo mesmo que conecta todos os elementos. Proteínas, glicoproteínas, água, células, matriz extracelular, ácidos graxos, metais solúveis, sais, membranas, fatores de crescimento celular etc, tudo constitui-se *no* meio, tudo desdobra-se no interstício. Mas nada disso ainda é a linha de mistério e fogo.

Se a biomedicina é capaz de estabelecer uma imagem<sup>41</sup> do interstício, ela só o faz ao estabelecer para si um uso muito particular da noção biológica de interstício, isto é, a de organismo: uma unidade fragmentada e articulada cujas partes possuem funções específicas conhecidas que se relacionam, se hierarquizam e se reportam a um funcionamento global da

<sup>39</sup> Lispector, Clarice, *A paixão segundo G.H.*, Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p.97

<sup>40</sup> Junqueira, Luiz Carlos Uchoa, *Histologia básica*, 12ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 346

<sup>41</sup> Em nota sobre a leitura fenomenológica dos críticos de cinema e o trabalho de Deleuze em *Imagem-Tempo (IT)*, Peter Pál Pelbart escreve: “As imagens não constituem uma língua ou uma linguagem, mas uma massa plástica, uma matéria sinalética com traços de modulação 'sensoriais (visuais e sonoros), cinésicos, intensivos, afetivos, rítmicos, tonais, e até verbais (orais e escritos)' (*IT*, pp. 43-44 [42])”. Pelbart, Peter Pál, *O tempo não-reconciliado*, São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 4

unidade considerada. Cada elemento num organismo ocupa um certo lugar, tem uma certa finalidade, remete a uma estrutura superior responsável pela própria distribuição dos termos (exemplo disso seriam as estruturas embrionárias, elaboradas pelos estudos de embriologia comparada). O organismo é transcendente. O interstício, nessa medicina, ainda que contemporâneo aos elementos que circunscreve, é hierarquicamente precedido por eles e encontra no primado do organismo, de sua unidade e de sua funcionalidade sua causa final.

Ora, o organismo e sua funcionalidade nem sempre foram o *ergon* (a obra) da prática médica. Como veremos adiante, foi necessária uma série de procedimentos e de tecnologias políticas para que a medicina deixasse de se ocupar do restabelecimento de um certo equilíbrio<sup>42</sup>, para passar a se ocupar da produção de organismos saudáveis, isto é, funcionantes. E, ao passo que o olhar médico ganha (ou mesmo cria) a profundidade orgânica com a anatomopatologia<sup>43</sup>, costura-se a linha que cose sua técnica e sua ciência ao estado mesmo de coisas – relações de poder e saber. Ao mesmo tempo em que produz seu objeto de investigação e de intervenção, ela se constitui como um campo de saber e de práticas.

Nesse sentido, a educação na saúde<sup>44</sup> passa, nos últimos três séculos, por numerosas mudanças paradigmáticas<sup>45</sup> em que está em jogo não apenas a produção de um discurso que tem por referente um certo corpo orgânico que se constitui sob o olhar médico – o corpo doente, o corpo populacional, o corpo gestante, o corpo que morre, a criança, dentre outros organismos –, mas a instituição, temporária e com durações particulares, de uma estratificação daqueles que prestam assistência à saúde, produção de rosto<sup>46</sup>. Com efeito, é o corpo de profissionais de saúde que se organiza e cristaliza nas linhas duras, segmentares de sua

---

<sup>42</sup> Gadamer, Hans-Georg, O caráter oculto da saúde, trad. Antônio Luz Costa. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.41

<sup>43</sup> Foucault, Michel, O nascimento da clínica, trad. Roberto Machado, 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980. p.9

<sup>44</sup> Ao longo do texto, optamos pelo termo “educação na saúde” para designar o conjunto de práticas pedagógicas que visam à formação das competências e habilidades dos profissionais historicamente ligados ao campo da saúde, entendendo que a educação médica está incluída em seu bojo.

<sup>45</sup> Para maiores detalhes numa perspectiva histórica das concepções assistenciais em saúde, vide: Coelho, Ivan Batista, Formas de pensar e organizar o sistema de saúde: os modelos assistenciais em saúde. In: Gastão Wagner de Sousa Campos; André Vinicius Pires Guerreiro. (Org.). Manual de Práticas de Atenção Básica. 1ed.São Paulo: HUCITEC, 2008, v. Único, p. 96-131.

<sup>46</sup> “[...] jamais uma máquina é simplesmente técnica. Ao contrário, ela só é técnica como máquina social, tomando homens e mulheres em suas engrenagens, ou, antes, tendo homens e mulheres dentre suas engrenagens, não menos que coisas, estruturas, metais, matérias. [...] os homens e as mulheres fazem parte da máquina, não somente em seu trabalho, mas ainda mais em suas atividades adjacentes, seu descanso, seus amores, seus protestos, suas indignações, etc. O mecânico é uma parte da máquina, não somente enquanto mecânico, mas no momento em que ele cessa de sê-lo.” DELEUZE, Gilles, Guattari, Félix, Kafka: por uma literatura menor. Trad. Cíntia Vieira da Silva – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. pp. 147, 148.

formação. Do corpo, nessa perspectiva, se faz um território onde se delimitam tendências, fronteiras, formas de vida sobre um espaço estriado.

Dessa maneira, parece-nos especialmente arguta a contribuição foucaultiana para pensarmos as relações entre a) dispositivos de poder, que fixam a um determinado segmento um código e um território, b) máquina abstrata, que sobrecodifica os códigos, estruturando, atribuindo-os a um significante despótico, controlando e homogeneizando suas relações e c) o aparelho de Estado, que efetua essa máquina<sup>47</sup>.

Com efeito, Michel Foucault dedicou boa parte de sua obra a temas que permeiam campos relativos aos saberes e práticas médicos. As práticas de intervenção psiquiátrica no século XVII, a espacialização do olhar médico entre os séculos XVI e XVIII, o nascimento da medicina social, a biopolítica, a anatomopolítica, as técnicas e o cuidado de si são exemplos de temas de que o pensador se ocupa amiúde.

Dentre essas pesquisas, parece-nos destacável – a título de pensarmos a proveniência da noção de organismo humano tal qual se dá ainda hoje em boa parte da literatura médica científica, e que portanto sublinha a educação na saúde, de modo transversal – sua análise do modo como o aparelho disciplinar produz um corpo no século XVIII, engendrando numerosos elementos numa dada maquinaria técnica social (maquinaria de poder, numa terminologia propriamente foucaultiana)<sup>48</sup>.

Para o pensador francês, cada sociedade configura certos regimes de poder, de governo, particulares e variáveis, que se inscreve sobre o corpo, *superfície de inscrição do acontecimento*. Sua atenção se concentrará, assim, em “Vigiar e Punir”, em traçar um diagrama de forças na França do século XVIII, e em descrever, passo a passo, como se constitui uma maquinaria de poder que produz: a) o homem do humanismo moderno como objeto de saber – máquina abstrata sobrecodificante; b) um corpo útil socialmente e dócil politicamente que engendra a própria máquina social concreta que o forja – a tropa ou a população, por exemplo.

ela [a anatomia política] define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, Diálogos, tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998. pp. 150, 151.

<sup>48</sup> Foucault, Michel, Vigiar e Punir: nascimento da prisão, trad. Raquel Ramallete, 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. pp.131-163.

<sup>49</sup> Foucault, Michel, Vigiar e Punir: nascimento da prisão, trad. Raquel Ramallete, 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. pp.131-163

Foucault segue então detalhando o modo de funcionamento dessa maquinaria e identifica quatro grandes operações que se articulam com a produção de quatro individualidades:

a) *Distribuição dos indivíduos no espaço*. A primeira operação dos dispositivos disciplinares consiste em compor quadros vivos, recortando as multidões em multiplicidades *organizadas*. Por meio de ferramentas como a cerca, o quadriculamento do espaço, a localização funcional e a hierarquização no espaço, produz-se nessa operação um tipo de individualidade celular, isto é, localizável, destacável, delimitável.

b) *O controle da atividade*. Nessa operação, trata-se de detalhar ao máximo em que etapas consistem os procedimentos desejados. Para tanto, organizam-se os horários, estabelece-se um ritmo desejado para as atividades, debruça-se sobre o detalhamento das correlações entre indivíduo e gesto, bem como entre indivíduo e objeto (seja a pena para a escrita, seja o manuseio do fuzil), e utiliza-se o tempo disponível à realização das atividades do modo mais eficiente possível. É no manejo da utilização exaustiva do tempo que ganha força a ideia de que há um determinado ritmo natural, fisiológico, que possui um funcionamento que precisa ser observado e incluído, isto é, utilizado dentro da própria dinâmica de efetuação das tarefas, objetivando eficiência e economia. Forma-se assim uma *individualidade orgânica*.

c) *Controle do tempo*. Ocupa-se aqui não mais do tempo referente a uma atividade delimitada, mas ao tempo de todo o processo considerado (por exemplo, formação escolar, formação militar, reabilitação hospitalar). O tempo é submetido a uma lógica da serial e da linear. Foucault relaciona esses procedimentos ao surgimento da noção de progresso das sociedades, de história evolutiva e da gênese dos indivíduos como um determinado caminho a ser percorrido. Forma-se uma individualidade genética.

d) *Composição das forças*. Por último, Foucault apresenta o modo estratégico como os elementos se articulam numa geometria de segmentos divisíveis, porém remetidos a uma unidade. Dessa maneira, conclui que o corpo (mercadorias, objetos, indivíduos, afetos, etc) se constitui como *peça* de uma máquina multissegmentar; as séries temporais são *peças* que formam um tempo composto; por fim, forma-se uma individualidade combinatória submetida a sistemas de comando do tipo sinais-reações.

Nessa perspectiva, o *corpus* discursivo produz enunciados na medicina que se efetivam em agenciamentos concretos, uma vez que *toda formação de poder tem necessidade de um saber; do qual, no entanto não depende, mas que, ele próprio, não teria eficácia sem ela*<sup>50</sup>. Em

---

<sup>50</sup> DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, Diálogos, tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 103.

outras palavras, o próprio “corpo” humano na medicina é uma produção das práticas médicas, sanitárias, econômicas, etc. Nesse sentido, o procedimento genealógico que Foucault toma de Nietzsche, sublinha a descontinuidade e a aleatoriedade na proveniência (*Herkunft*) daquilo que seria, de outra forma, considerado original, reconhecível, universal<sup>51</sup>. Assim, quando organismo, o corpo é também vazado de aberturas, crivado de poros por meio dos quais passam o inorgânico, o inumano, o a-significante, o neutro de Clarice Lispector, fluxos estes que (se) criam (n)um plano de desejo, o que Deleuze e Guattari marcam quando dizem que *entre as máquinas desejantes e as máquinas sociais técnicas, nunca há diferença de natureza*<sup>52</sup>, mas de grau, de regime.

Dessa maneira, é deslizando por orifícios e interstícios que realizamos passagens, saltos *entre* o organismo e o corpo sem órgãos, para criar esse corpo poroso, permeado de conexões, passagem de afetos, desertificação. Mas que linhas seguir? Por onde passar? Que tribo, comunidade, população, fauna acompanhar/compor? É que o interstício tem seus perigos. Nunca se sabe de antemão que desdobramentos um movimento pode disparar. Não se sabe de antemão que populações se deslocarão, em que sentido e com que força. Quais alianças serão formadas? E quais traições? O poro é (micro)político. G.H.<sup>53</sup>, na sala de estar de seu confortável apartamento, sem o saber a princípio, vive uma revolução. Foi para isso que nos convidou a segurar sua mão.

Nas próximas páginas, deslizamos entre planos de pensamento com G.H., entramos em devires, e, aos poucos, imperceptivelmente, ou bruscamente margeamos estratos, corroemos seus contornos e vibramos com os ecos de seu tectonismo. Viscoso magma que erupciona através da casca oca da barata. Em seguida, ainda experimentando o vertiginoso e enfeitiçado êxtase clariceano, abrimos os olhos num hospital e encontramos dois médicos com quem procuramos atravessar linhas molares e moleculares, perscrutar as rachaduras nas paredes,

---

<sup>51</sup> “Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. A história “efetiva” se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apoia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles.” [grifo nosso] Foucault, Michel, *Microfísica de poder*, org. Roberto Machado, 26ª ed, São Paulo: Graal, 2013. p. 72.

<sup>52</sup> Deleuze, Gilles, Guattari, Félix, *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* vol. 1, trad. Luiz B. L. Orlandi, São Paulo: Ed.34, 2010. p.48.

<sup>53</sup> As iniciais G.H. se referem à personagem do já citado livro de Clarice Lispector a que faremos referência ao longo dessa dissertação.

escorrer por dentro de goteiras, ralos e agulhas, isto é, fugir e, ao mesmo tempo, sublinhar esses movimentos, sua distribuição, suas relações e debilidades. Por fim, alinhavamos os recortes que compõem essa cartografia e delineamos algumas de suas implicações e desdobramentos.

**PASSAGEM II**

**Desertos e caravanas: G.H. vertiginosa**



## 2.1. A Paixão Segundo G.H.: o fora e o neutro

É que a G.H. de Clarice Lispector era uma mulher absolutamente comum, e, no entanto, foi surpreendida. Pelo quê? Pela vida. Ou melhor, por aquilo que vive na vida. Algo talvez como a vida arquígona de que fala Jean-Luc Nancy<sup>54</sup>. Mas não apressemos as coisas. G.H. precisou de um certo tempo, ou ainda, precisou, como veremos adiante, de um *outro* tempo para perceber isto: o enigma. Ou, quem sabe, seja melhor assim mesmo. Já estarmos avisados nos dá uma certa vantagem. É que a coisa mais importante que se pode receber é o enigma, conhecer sua pergunta, pouco importando as respostas. É G.H. quem nos conta: “[...] a explicação de um enigma é a repetição do enigma. O que És? e a resposta é: És. O que existes? e a resposta é: o que existes”<sup>55</sup>. Sem comentário, sem interpretação: o enigma funciona. É por camadas simultâneas que se desdobram e se envolvem, pelos lentos deslizamentos dos planos, que G.H. acessa aquilo que lhe aconteceu na tarde em que esteve sozinha em seu apartamento de cobertura.

Sozinha na cozinha, G.H. faz perfeitas bolinhas de miolo de pão com as pontas dos dedos. Uma artesã quase bem sucedida. Observa quieta as iniciais de seu nome marcadas em tudo aquilo que lhe pertence, uma espécie de citação que põe todas as coisas entre aspas. De fato, todo o apartamento tinha para ela essa meia luz, essa suavidade que se dá às coisas assinadas por alguém. Em última instância, mesmo a vida que G.H. levava, também levava sua assinatura. Por entre aspas é uma forma de organizar as coisas.

Sentada, G.H. planejava as atividades do dia. Esperava poder dedicar-se ao raro prazer – para ela, que era uma mulher independente, com posses, e que sempre tivera empregadas, era um prazer – de limpar e ordenar a casa. Começaria pelo quarto da empregada, mais ao fundo da cobertura. Há meses não entrava nesse cômodo. Certamente, seria o mais difícil de dar a devida forma. Todo o método já estava definido: sabia o que iria para qual lugar, que partes

---

<sup>54</sup> “[...] uma vida que produz a vida. [...] Eis a vida arquígona, o lótus que contém o sol, o sopro que corre sobre as águas, o sempre-já presente da presença infinita que não é um ser, nem o ser, que não é princípio nem causa, nem agente, nem fermento, nem fonte, mas movimento, desarranjo, inclinação, assimetria, ruptura de identidade e de igualdade consigo, deiscência daqui e de lá, disso e daquilo, tensão, pressão, excitação, incitação, sem ordem, passagem de um a outro que o revela ter sido outro e não um, contração e atração arquivada de onde a vida mais tarde poderá nascer nesse *mais tarde* que se abre, já aberto no *mais cedo* que nunca se deixa capturar de outra forma senão como *mais tarde* de um outro *mais cedo*, ou seja, na distensão do impulso”. Nancy, Jean-Luc, *Arquívada: do sensiente e do sentido*, trad. Marcela Vieira, Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2014. pp. 65, 67.

<sup>55</sup> Lispector, Clarice, *op. cit.* p.134.

deveriam ser lavadas e escovadas, como ordenar as malas, e que lençol por sobre o colchão de palha. Sabia ainda o que fazer em seguida, e logo após também. Terminaria pela sala e deitaria no sofá à noite para ler algo sob a luz filtrada do abajur. Era necessário que não fosse perturbada por ninguém nesse processo, que estivesse sozinha, pois qualquer interferência poderia desviá-la do caminho exato que escolhera. Pôs o telefone fora do gancho, para garantir sua solidão.

É difícil julgarmos se G.H. estava preparada ou mesmo disposta ao que lhe aconteceria em pouco tempo. É que ela tinha uma forma conhecida e determinada de existir e não havia para ela, aparentemente, qualquer incômodo, qualquer inclinação aos êxtases místicos, aos mistérios. O que acontece, no entanto, no quarto da empregada é exatamente isso: um milagre imanente, súbito e violento. Ainda sentada, ela nos conta como o que estava na iminência de acontecer a-fundaria todo o edifício de sua estrutura pessoal, subjetiva, humana:

Estou mais cega do que antes. Vi, sim. Vi, e me assustei com a verdade bruta de um mundo cujo maior horror é que ele é tão vivo que, para admitir que estou tão viva quanto ele – e minha pior descoberta é que estou tão viva quanto ele – terei que alçar minha consciência de vida exterior a um ponto de crime contra a minha vida pessoal. Para a minha anterior moralidade profunda – minha moralidade era o desejo de entender e, como eu não entendia, eu arrumava as coisas, foi só ontem e agora que descobri que sempre fora profundamente moral: eu só admitia a finalidade – para a minha profunda moralidade anterior, eu ter descoberto que estou tão cruamente viva quanto essa crua luz que ontem aprendi, para aquela minha moralidade, a glória dura de estar viva é o horror. Eu antes vivia de um mundo humanizado.<sup>56</sup>

O quarto da empregada é uma heterotopia.

Esse é o primeiro espanto. Ao abrir a porta do quarto, G.H. percebe uma luz estranha, uma claridade totalmente distinta do restante da casa. A empregada, Janair, havia criado um outro lugar dentro do apartamento, com outra luz, outro cheiro, com outras coisas e nele havia imprimido uma aberrante e primitiva figura desenhada a carvão: três formas que G.H. supõe que sejam um homem, uma mulher e um cachorro. Com efeito, tudo ali é estranho à dona do lugar, e custa-lhe muito sentir-se recebida pelo quarto, amparada em sua superfície. A impressão que ela tem é que se trata mais de um minarete do que propriamente de um quarto. Como se houvesse um apêndice, *fora* do apartamento, acima da cobertura, porém invisível, não localizável. O minarete tinha um outro regime, e, no entanto, estava também dentro de seu lar, compunha com ele uma totalidade aberta. Até os ângulos das paredes eram anômalos: dois ângulos abertos que davam a impressão de distorção do espaço.

Após entrar nesse espaço todo branco, quase uma superfície única, hostil, ainda na

---

<sup>56</sup> Lispector, Clarice, *op. cit.* pp. 20, 21.

intenção de organizá-lo, G.H. percebe que não poderia sair de lá por vontade própria. Não que o quarto a houvesse capturado, como em algum conto de horror, mas é que um processo instaurava-se ali, nela, já havia começado há muito tempo e agora seguiria sua atualização. O único modo de sair do quarto seria por intermédio de um acidente – o impossível toque do telefone, uma visita inesperada – mas não, apesar de não estar propriamente só – havia as figuras na parede –, nenhum intercessor, nada iria bloquear o fluxo daquilo que estava acontecendo naquele dia.

Acontece que não se tratava mais do espaço quadriculado, estriado, se quisermos, do restante do apartamento em que G.H. vivia, onde ela tinha uma vida própria. Era o espaço liso do deserto que se desdobrava e desfolhava, lugar onde não há referências, apenas direções, nem reparos para que se verifiquem as velocidades, e, portanto, todo e qualquer deslocamento é perigoso, vertiginoso, infernal.

Embaraçada ali dentro por uma teia de vazios, eu esquecia de novo o roteiro de arrumação que traçara e não sabia ao certo por onde começar a arrumar. O quarto não tinha um ponto que se pudesse chamar de seu começo, nem um ponto que pudesse ser considerado o fim. Era de um igual que o tornava indelimitado.<sup>57</sup>

Assim, a série espacial aos poucos perde sua profundidade, seus relevos, seus ícones, e G.H. passa a se tornar ela mesma “o mundo”, como o põe Clarice. Passa a ser também a pintura em carvão na superfície branca que é o quarto. Após algum tempo, ela deixa de estar no quarto, disposta ali espacialmente, para confundir-se com ele, abrir nele outros desertos, outras civilizações e fenômenos naturais. Ela toda se desdobra e se torna superfície lisa. O quarto é sua pele esticada com nervos brancos esturricados ao sol. Nela, todas as coisas coexistem, e então há o segundo espanto.

O tempo não tem uma direção certa.

É que, à medida em que G.H. abandona sua “humanidade humanizada” e a esperança para então ganhar, como veremos, o neutro e o inexprimível, a flecha do tempo que sai do passado, passa pelo presente e chega ao futuro sofre uma dilatação incalculável e o tempo torna-se um informe e imenso bloco de tempo, ou melhor, uma massa de tempo. Nessa nova temporalidade, não há nada a se fazer, assim como no espaço liso heterotópico não há aonde ir. O tempo está, por assim dizer, liberado do encadeamento cronológico. Tempo não serial. Devir.

---

<sup>57</sup> Lispector, Clarice, *op. cit.* p. 44.

Era finalmente agora. Era simplesmente agora. Era assim: o país estava em onze horas da manhã. Superficialmente como um quintal que é verde, da mais delicada superficialidade. Verde, verde – verde é um quintal. Entre mim e o verde, a água do ar. A verde água do ar. Vejo tudo através de um copo cheio. Nada se ouve. No resto da casa a sombra está toda inchada. A superficialidade madura. São onze horas da manhã no Brasil. É agora. Trata-se exatamente de agora. Agora é o tempo inchado até os limites. Onze horas não têm profundidade. Onze horas está cheio das onze horas até as bordas do copo verde. O tempo freme como um balão parado. O ar fertilizado e arfante. Até que num hino nacional a badalada das onze e meia corte as amarras do balão. E de repente nós todos chegaremos ao meio-dia. Que será verde como agora.<sup>58</sup>

É a experiência de um tempo aberrante, sem imagem: uma totalidade aberta, ou melhor, um círculo descentrado. Não é bem assim. Se acompanharmos com Deleuze as três sínteses do tempo<sup>59</sup>, veremos que essa imagem do tempo proposta por Clarice e por toda uma tradição de místicos talvez se relacione mais coma a primeira síntese do tempo considerada pelo pensador francês: a do presente. Parece haver dois presentes nessa síntese. O primeiro se reporta a um presente vivo e vivido, que entretanto é pré-pessoal, pré-representativo, pré-orgânico, sub-perceptivo. É o presente das contrações, contemplações, dos hábitos. “*Somos água, terra, luz e ar contraídos, não só antes de reconhecê-los ou de representá-los, mas antes de senti-los*”<sup>60</sup>. Esse domínio do presente se reporta àquilo que Deleuze chama “eu larvar”. Onde há contração e contemplação, há um eu larvar que contempla, e isso sem qualquer subjetividade. A folha da grama, por exemplo, contempla os raios do sol. Nesse jogo, passado e futuro comparecem ao presente, e, em certa medida, o são contemporâneos. Nos organismos, o futuro se dá no instante como sua exterioridade e a expectativa da contração. O passado, como herança genética e como interioridade das células. Não se trata de uma sucessão de instantes, em que o passado é um presente (instante) que já aconteceu e o futuro, um instante que vai acontecer. Trata-se mais de nessa massa de tempo criar-se uma topologia do tempo orgânico. Passado, presente e futuro simultâneos a cada instante, sendo o presente o grau mais contraído, nessa síntese. Isso se passa na repetição material. Mas há ainda uma outra repetição mais subreptícia, imaterial. Nas palavras de Pelbart:

Mas um outro presente se delinea, onde não se contraem instantes, passados ou futuros, mas um Todo virtual (o passado inteiro em seus diversos graus de coexistência). [...] Assim, não há *um* presente, nem *o* presente como uma determinação do tempo em geral, mas o presente em função da repetição em jogo,

---

<sup>58</sup> Lispector, Clarice, *op. cit.* p. 79.

<sup>59</sup> Deleuze, Gilles, *Diferença e repetição*, trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado, 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. pp. 111 - 187

<sup>60</sup> *Ibid.* p. 115.

material ou espiritual. Na repetição material são contraídos instantes sucessivos num presente vivo. Na repetição espiritual, é contraído o passado puro como uma virtualidade coexistente.<sup>61</sup>

No deserto infernal de Clarice Lispector coexistem num ilimitado “agora” seres pré-históricos, civilizações inteiras, organizações pós-humanas. Tudo existindo numa mesma lama onde pulula a vida, pura intensidade, multiplicidade, coexistências virtuais. E é em meio a essas franjas que G.H. vai perdendo aquilo que chamava “eu” e percebe que “mim” é muito maior, e que “mim” é incompreensível. É que o a-fundamento tanto do espaço, como especialmente o a-fundamento do tempo, remetem inevitavelmente à margem do *Fora*<sup>62</sup>, àquilo que não possui fundamento possível e onde todo fundamento desmorona. As camadas, os planos, as estruturas, as organizações de modo geral, se relacionam a um sem-fundo, e isso era o intolerável para G.H. É por intermédio do personagem deleuziano prof. Challenger que aprendemos:

Os estratos eram juízos de Deus, a estratificação geral era todo o sistema do juízo de Deus (mas a terra, ou o corpo sem órgãos, não parava de se esquivar ao juízo, de fugir e se desestratificar, se descodificar, se desterritorializar)<sup>63</sup>.

E o desmoronar dos estratos na experimentação de G.H. teria talvez sido demais, caso ela não tivesse companhia – uma certa prudência imanente à experimentação. O que se apresentou inicialmente como susto, foi, quem sabe, aquilo mesmo que salvou G.H. do destino do professor Challenger (que assume a forma de uma lagosta gigante divina e derrete, espectral, escorrendo por um relógio antigo), que a permitiu fazer as passagens entre planos, diluir-se num processo de desestratificação.

O terceiro espanto é o nojo, que veio em forma de barata.

Foi assim: após a decisão de começar a arrumação – de quê? já que tudo estava perfeitamente branco e estranho – pelo guarda-roupa de uma só porta, G.H. abre-a e mergulha o rosto no escuro. No início não enxerga coisa alguma, mas, enquanto volta à luz do quarto, ela aparece: a grossa e lenta barata primitiva. Uma barata que são todas as baratas – esse bicho arqueológico. É só após tentar matá-la, que G.H. começa a atentar para o inseto. Primeiro porque do meio do seu corpo achatado pela violência do golpe surge uma massa pastosa e

<sup>61</sup> Pelbart, Peter Pál, *op. cit.* p. 124.

<sup>62</sup> Termo atribuído a Maurice Blanchot, presente também no pensamento de Foucault e de Deleuze. Para a relação entre o Fora, a dobra e a subjetivação, vide: DELEUZE, Gilles, Foucault, Paris, Les éditions de minuit, 2004. pp. 101-130

<sup>63</sup> Deleuze, Gilles, Guattari, Félix, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1, trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, São Paulo: Ed. 34, 1995. p. 70.

brancacenta. É esse fluxo da vida que sai do invólucro violado da barata, a propósito, que marca um tempo, ou melhor, os passos que a mulher dá em direção à linha de mistério e fogo, isto é: a cada camada de humanidade de que ela se livra para experimentar aquilo que chamou, ora de “neutro”, ora de “o tecido da vida”, sai, como em golfadas, mais massa branco-amarelada de dentro do inseto. Em segundo lugar, porque a barata ela também tem um rosto. E é dos cílios da barata que começa todo um movimento de borramento do rosto da própria G.H.:

Segura minha mão, porque sinto que estou indo. Estou de novo indo para a mais primária vida divina, estou indo para um inferno de vida crua. Não me deixes ver porque estou perto de ver o núcleo da vida – e, através da barata que mesmo agora revejo, através dessa amostra de calmo horror vivo, tenho medo de que nesse núcleo eu não saiba mais o que é esperança. A barata é pura sedução. Cílios, cílios pestanejando que chamam. Também eu, que aos poucos estava me reduzindo ao que em mim era irreduzível, também eu tinha milhares de cílios pestanejando, e com meus cílios eu avanço, eu protozoária, proteína pura.<sup>64</sup>

E, de nojo em nojo, G.H. entra naquilo que Deleuze nomeia no procedimento do pintor Francis Bacon como zona de indiscernibilidade, ou de indecidibilidade entre homem e animal<sup>65</sup>, quando a mulher já não reconhece seu rosto nas fotografias, quando os olhos da barata lhe parecem duas joias incrustadas na cabeça, e quando se pergunta que gosto teriam esses olhos. Buracos negros por onde passam partículas de um devir-animal. A barata é a passagem. Ela é o elemento paradoxal<sup>66</sup> que faz ressoarem uma na outra as duas séries: a do espaço aberrante e a do tempo sem imagem, a do tecido neutro da vida e a da humanidade de G.H.

Esse é um ponto importante para G.H., quando as qualidades sensíveis dão lugar ao insosso, ao insípido e ao neutro que é o tecido da vida. É que, ao se lembrar do gosto salgado dos olhos de um homem que certa vez beijara, lhe ocorre que os olhos da barata devem ser exatamente insípidos. Que o sal e todos os temperos são artificios do humano para esmagar a delicadeza do neutro da vida. G.H. propõe uma sensibilidade aberta à delicadeza, à suavidade e à violência extasiada e extasiante da vida. Isso a faz deixar de lado tudo aquilo que compreende como atributo “humanizado” do humano, mas é preciso alguma cautela. G.H. não

---

<sup>64</sup> Lispector, Clarice, *op.cit.* pp. 59-60

<sup>65</sup> “Em vez de correspondências formais, a pintura de Bacon constitui uma *zona de indiscernibilidade, de indecidibilidade* entre o homem e o animal. O homem se torna animal, mas não sem que o animal se torne ao mesmo tempo espírito, espírito do homem, espírito físico do homem refletido no espelho” Deleuze, Gilles, Francis Bacon: lógica da sensação, trad. Roberto Machado et al. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 29.

<sup>66</sup> “Resumamos os caracteres deste elemento paradoxal, *perpetuum mobile* etc.: ele tem por função percorrer as séries heterogêneas e, de um lado, coordená-las, fazê-las ressoar e convergir e, de outro, ramificá-las, introduzir em cada uma delas disjunções múltiplas. Ele é ao mesmo tempo palavra = X e coisa = X.” Deleuze, Gilles, *Lógica do sentido*, trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo: Perspectiva, 2011. pp. 69.

espera encontrar algo como um modelo puro do humano. A própria ideia de pureza é por ela rejeitada (é pelo nojo, pela mistura, que se encontra o tecido imanente da vida).

Ah, meu amor, as coisas são muito delicadas. A gente pisa nelas com uma pata humana demais, com sentimentos demais. Só a delicadeza da inocência ou só a delicadeza dos iniciados é que sente o seu gosto quase nulo. Eu antes precisava de tempero para tudo, e era assim que eu pulava por cima da coisa e sentia o gosto do tempero. [...] A humanidade está ensopada de humanização, como se fosse preciso; e essa falsa humanização impede o homem e impede a sua humanidade. Existe uma coisa que é mais ampla, mais surda, mais funda, menos boa, menos ruim, menos bonita. Embora essa coisa corra o perigo de, em nossas mãos grossas, vir a se transformar em 'pureza', nossas mãos que são grossas e cheias de palavras.<sup>67</sup>

Também não se trata de uma defesa de um retorno a uma natureza edênica, boa e feliz. Não há sequer distinção entre homem-natureza. Aquilo que Clarice chama de “neutro” poderia ser chamado vontade de potência<sup>68</sup> numa leitura nietzscheana. Trata-se de uma proposta ética de situar-se na potência, criar um *continuum* de intensidade. De escapar do estrato humanizado, das capturas da subjetividade capitalística – a que Clarice chama a profunda moralidade.

E nós sempre disfarçávamos o que sabíamos: que viver é sempre uma questão de vida e morte, daí a solenidade. Sabíamos também, embora sem o dom da graça de sabê-lo, que somos a vida que está em nós, e que nós nos servimos. O único destino com que nascemos é o do ritual. Eu chamava 'máscara' de mentira, e não era: era a essencial máscara da solenidade. Teríamos de por máscaras de ritual para nos amarmos. Os escaravelhos já nascem com a máscara com que se cumprirão. Pelo pecado original, nós perdemos a nossa máscara. Olhei: a barata era um escaravelho. Ela toda era apenas a sua máscara.<sup>69</sup>

A barata funciona em G.H. como um elemento paradoxal, um poro por meio do qual G.H. desliza, ou antes salta – salto quântico – entre o neutro informe vital com seu *Fora* incompreensível – tanto mais quanto mais intersticial – e seu apartamento entre aspas, sua vida “humana humanizada”, isto é, entre um CsO e o organismo. O poro é descontinuidade e multiplicidade. Não pontos ordinários que marcam referências para os deslocamentos, mas antes pontos notáveis que se constituem a cada vez. Singularidades. Trata-se a todo momento de fazer o corpo escoar pelos poros.

<sup>67</sup> Lispector, Clarice, *op. cit.* pp. 154;158.

<sup>68</sup> “[...] colocou-se em primeiro plano a 'adaptação', ou seja, uma atividade de segunda ordem, uma reatividade; chegou-se mesmo a definir a vida como uma adaptação interna, cada vez mais apropriada, a circunstâncias externas (Herbert Spencer). Mas com isto se desconhece a essência da vida, a sua *vontade de poder*; com isto não se percebe a primazia de fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a 'adaptação'.” Nietzsche, Friedrich Wilhelm, *Genealogia da moral: uma polêmica*, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 62.

<sup>69</sup> Lispector, Clarice, *op. cit.* p. 116

Ora, aprendemos pela leitura deleuziana de Espinosa<sup>70</sup> que um corpo se define de duas maneiras: a) um corpo, qualquer que seja, é constituído por uma multiplicidade de outros corpos que estabelecem entre si relações diversas (de aproximação e de afastamento, de intensificação e de anulamento, de agrupamento e de divisão, etc), de maneira que, aquilo que define um corpo é menos sua forma ou seu conteúdo do que as relações diferenciais de velocidade e de repouso que o constituem, suas frequências. É tudo uma questão de ritmo. b) Um corpo é também aquilo que tem a capacidade de afetar e de ser afetado. Corpos são modos. Aquilo a que chamamos corpo humano, organismo humano, corpo de conhecimento, corpo clínico, são modos. Definem-se por relações vetoriais de velocidade e lentidão entre suas partículas e pelos afetos que agitam, trocam ou suprimem.

Assim, o poro atrai e expelle singularidades, partículas a-significantes, e catalisa ou bloqueia seus deslocamentos, permitindo que exerçam novas sonoridades, novas composições, que entrem em outros devires. Através dele (ou ainda com ele), salta-se. O salto é, com efeito, produto de um deslocamento de forças virtuais, invisíveis, que se atualizam na máquina concreta de dançar. É um gesto de dança. Pina Bausch<sup>71</sup>, em *Café Müller*, com os braços estendidos e a fina alça da camisola de seda tocando o ombro esquerdo, cai para o domínio das teias invisíveis. Saltar sempre deixa um movimento suspenso em seu prolongamento<sup>72</sup>, e é por isso talvez que G.H. nos convida a este salto. É que o movimento que nunca começa e nem se completa em mim, pode, quem sabe, reverberar em vocês e assim prolongar a vida que se lança. Não a minha, nem a sua, que percorre comigo e com G.H. essas páginas, mas sempre e a cada nova duração, uma outra vida, outros devires.

De fato, há nesse salto, nesse escoar pelo poro a aquisição de um tipo de clandestinidade, uma viagem imóvel. Deleuze fala dessa dança secreta a propósito de Kierkegaard:

[...] ele [o cavaleiro de Kierkegaard] não se deixa ver, ele se pareceria, antes, com um burguês, um cobrador de impostos, um logista; ele dança com tanta precisão que se diria que ele não faz outra coisa senão caminhar ou até mesmo ficar imóvel; ele se confunde com o muro, mas o muro tornou-se vivo, ele se pintou de cinza sobre cinza, ou como a Pantera cor-de-rosa, ele pintou o mundo com sua cor, adquiriu uma coisa invulnerável, e sabe que amando, mesmo amando e para amar, deve-se bastar a si

<sup>70</sup> Deleuze, Gilles, Espinosa: filosofia prática, trad. Daniel Lins, Fabien Pascal Lins, São Paulo: Escuta, 2002. pp. 128, 129.

<sup>71</sup> Pina Bausch, coreógrafa e dançarina alemã. Dirigiu a companhia *Tanztheater Wuppertal Pina Bausch*.

<sup>72</sup> “Para o espectador, as formas visíveis do corpo suscitam uma outra 'visão', a das formas e dos movimentos virtuais: as formas visíveis sugerem as formas virtuais, 'prolongando-as' e atualizando-as parcialmente. De tal modo que as primeiras encetam uma espécie de devir-virtual, que as transfiguram”. Gil, José, *Movimento total*, São Paulo: Iluminuras, 2002. pp. 97, 98.



mesmo, abandonar o amor e o eu [...] Ele não é senão linha abstrata, um puro movimento difícil de descobrir, ele jamais começa, toma as coisas pelo meio, está sempre no meio.<sup>73</sup>

Nessa perspectiva, somos – indivíduos e grupos – constituídos, atravessados a todo momento, por linhas, cada uma com seus riscos e potências específicos. Para Deleuze<sup>74</sup>, essas linhas podem ser de até três tipos: segmentares ou molares, flexíveis ou moleculares e linhas de fuga. As linhas segmentares são linhas duras, já muito percorridas. Cortes que nos atravessam e que atravessamos estabelecendo binarismos e instituindo territórios: homem, mulher, criança, velho, heterossexual, homossexual, aluno, médico, escritor, mãe, etc. As linhas segmentares marcam os agenciamentos maquínicos concretos, as estratificações, os dispositivos de poder. Guardam o perigo da imobilidade, da rigidez, da reatividade e do ressentimento. As linhas moleculares, por sua vez, trabalham os estratos e segmentos no sentido de promover desterritorializações relativas, fissuras, alterações imperceptíveis até que algo, não se sabe ao certo o quê, não se encaixe mais. Surge uma nova inquietação. Nada efetivamente mudou, porém nada permanece o mesmo. Borramento do rosto, dissolução do *eu*, resistência. *Só se pode encher um vaso até a borda. Nem uma gota a mais*<sup>75</sup>. O risco da linha molecular é no entanto desembocar nos buracos negros, isto é, produzir movimentos ou traços violentos em demasia sob os estratos, causando uma queda, um desmoronamento que impede novos fluxos. Esquizofrenia clínica, drogadicção e suicídio são exemplos de linhas flexíveis que se tornaram linha de morte. Por fim (mas também primordialmente), a linha de fuga ou de ruptura é enigmática. Linha de mistério e fogo. *Daimon?* É ela que nos impulsiona através de estratos e limiars, percorre tanto segmentos como linhas flexíveis. Ela já está lá *desde sempre, embora seja o contrário de um destino*. Seu perigo é o da aniquilação, da desterritorialização absoluta. Portanto, percorrer as linhas, isto é, viver, envolve permanentes conexão e cautela para não espantar os devires nem cair em linhas fascistas ou suicidas. Crítica e clínica.

Esse processo se dá, segundo Rolnik, como um processo de simulação:

É que, você sabe, intensidades buscam formar máscara para se apresentarem, se 'simularem'; *sua exteriorização depende de elas tomarem corpo em matérias de expressão*. Afetos só ganham espessura de real quando se efetuam. Esses dois primeiros movimentos – toda uma subconversa – só são apreensíveis por teu corpo

<sup>73</sup> DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, Diálogos, tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998. pp. 148, 149.

<sup>74</sup> *Ibid.* pp. 145 - 170.

<sup>75</sup> Tao Te-King: Lao-Tse in: ABREU, Caio Fernando, Fragmentos: 8 histórias e um conto inédito. – Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 61

vibrátil, aquele que alcança o invisível. Corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matérias de expressão. De tudo isso, o teu olho-do-visível percebe apenas a máscara, resultante do movimento de simulação. E só.<sup>76</sup>

É no movimento de passagem que realizamos com G.H., entre atual e virtual, entre os estratos e o plano de imanência, que podemos deslizar por outros planos, outras franjas do *caosmo*. Se encontramos G.H. sentada à mesa em seu apartamento, quem percorreria os corredores de um hospital numa dança exata, clandestina, secreta? Como abrir passagem, dilatar e contrair poros num *locus* da vigilância, do cuidado e da disciplina distinto da privacidade do lar? É numa tentativa de seguir essa via que se abre o encontro seguinte.

## 2.2. A morte de G.H.?

É que percorrer as próprias linhas e atravessar os planos é arriscado. Tanto quanto não percorrê-los (a imobilidade absoluta, catatonía, é o próprio desmoronamento). Uma má intuição, um revés qualquer e tudo pode degringolar, escorrer pelo buraco negro sem retorno. *Viver é sempre uma questão de vida e de morte*. Simultaneidade e coexistência. Ao seguir a linha de fuga, o voo da vassoura da bruxa, G.H. também pode desestratificar rápido demais, ou mesmo deparar-se com a contingência, com o acidente. Pôr-se diante de um abismo. Cânion. Essa fissura, entretanto, nada tem a ver com uma falta fundamental, desde sempre ali, origem e destino – estriamento do espaço. Trata-se, outrossim, de via de passagem de multiplicidade, de vida. Margens do abismo sobre o qual se sobrevoa enquanto as pétalas de uma flor sustentam o sol poente. Ínfimo instante. Trajetos de desejo.

Ora, sabe-se que muitas são as linhas moleculares ou de fuga que desembocam em destruição obstinada do organismo, movimento brusco. Temos mãos grossas demais para tocar os devires? O que acontece é que um organismo sempre pode dar lugar a outro ordenamento. Não é isso a doença? Um organismo que se desfaz violenta ou docemente para que outro movimento se passe, que outra composição se configure. Qualquer que seja o caso, aquilo a que se refere como morte é, na perspectiva moderna, a decomposição do organismo. A vida não morre. Vida inorgânica das populações desérticas. G.H. moribunda, no limiar neutro da vida, encontra-se aqui com dois médicos, um intensivista e um paliativista. Que zonas de intensidade ganham corpo? O que pode passar?

---

<sup>76</sup> Rolnik, Suely, *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, São Paulo: Estação Liberdade, 1989. pp. 25, 26.

Nesse sentido, ambos, intensivista e paliativista são nesta cartografia personagens, porém não tipos psicossociais, tampouco formações históricas. O artigo indefinido sublinha a inadequação da generalização, da homogeneização, da sobrecodificação. Um médico é uma multiplicidade. São eles percorridos por coordenadas intensivas e ordenadas extensivas. O fato de serem personagens, ainda, não fazem deles tão somente produto de uma faculdade imaginativa (essencialmente representativa). Tal como G.H., eles percorrem e são percorridos por um campo social, entram em agenciamentos maquínicos e de enunciação. São abstratos e imanentes ao mesmo tempo. Importa aqui delinear seus processos e percursos. Traçar as passagens que efetuam entre linhas molares (as máscaras aderidas, os territórios, os estratos, rostidade e organismo) e linhas moleculares (corpo vibrátil, desterritorialização, magma, cabeça e corpo sem órgãos) em si próprios, no hospital, no encontro com G.H., nas ruas.

E eis que, ainda embriagada de estranhos sonhos, G.H. abre os olhos apenas o suficiente para perceber que saíra do quarto da empregada. Já não se movia. Ouvia *bips*, conversas indistintas, ruídos dos aparelhos ao seu redor. Ondas claras e indistintas. Havia uma pasta grossa que sobre os olhos e uma sensação difusa de incômodo sobre a pele – porém estivera fora dali já há tanto tempo, considerava, que já não sabia mais como é que se sente uma dor, ou qualquer outra coisa. De súbito, lampejos de memórias desconexas riscavam alguma superfície escura diante de si. Calor, estalar de madeira, fumaça. Sim, deve ter havido um incêndio em algum lugar... Pensar havia se tornado lento e gordo. Era ela mesma quem pensava? Foi só depois de muito tempo – pelo menos lhe parecera muito tempo – que discerniu ao longe uma voz inquisidora:

– Senhora G.? Abra os olhos! A senhora está em uma UTI!

Os séculos XIX e XX, com estímulo e substrato para a ciência que foram as grandes Guerras, possibilitou o surgimento de numerosas tecnologias de acesso aos e de intervenção no organismo humano. A descoberta da penicilina, o desenvolvimento das vacinas, dos aparelhos de radiodiagnóstico, dos pulmões de aço e, em seguida, dos ventiladores mecânicos, das drogas vasoativas, o refinamento das técnicas anestésicas, das técnicas cirúrgicas, o acoplamento de autômatos a esses procedimentos, exemplificam em que medida o espectro de intervenções no nível do organismo, de seu funcionamento fisiológico, bioquímico e cinesiológico foi ampliado. Todas essas tecnologias tem como objetivo exercer um controle cada vez mais fino, mais detalhado, de operações cada vez mais localizadas, circunscritas, assépticas, no nível do organismo.

É nesse contexto que surgem, por exemplo, as Unidades de Terapia Intensiva (UTI) – talvez os ambientes mais densos em termos de tecnologia concreta e disciplinar de que dispõem

os serviços de assistência à saúde no ocidente. O conceito de terapia intensiva surgiu no ano de 1854, na vigência da Guerra da Crimeia, e foi atribuído à enfermeira Florence Nightingale, que desenvolveu uma técnica de seleção e de fixação espacial dos feridos de guerra segundo sua gravidade clínica, alcançando uma redução de mortalidade de 40% para 2% na instituição em que operacionalizou seu método. Apesar disso, a primeira UTI num hospital geral só foi construída em Boston, em 1927, e sua idealização foi atribuída ao médico Walter Dandy.<sup>77</sup>

Numa UTI, os fluxos (de luz, de ar, de água, de funcionários, de pacientes, etc) são identificados e coordenados por meio de protocolos cuidadosamente referenciados em material científico que definem, por exemplo, quem pode entrar, quando se deve sair, quem deve ser colocado em isolamento de contato, qual o horário adequado para cada atividade, como devem estar dispostos os leitos, as pias, se o ar deve entrar ou sair ao abrir-se a porta da área de isolamento, como se deve proceder em cada situação já pré-estabelecida, e assim por diante. Há todo um esforço de padronização, de homogeneização das condutas e dos procedimentos em nível internacional, com grande esforço no sentido da validação desses protocolos em pesquisas multicentro – isto é, tornar os comportamentos reprodutíveis em qualquer situação com características específicas.

É com esses elementos que a dra. T.K., médica intensivista plantonista que aborda G.H. em seu estado semivigil, compõe um agenciamento. Seguindo a linha molar, a médica foi exaustiva e intensamente treinada para agir de modo protocolar diante das situações que se apresentam. Em tudo regrada para a maior eficiência de seus movimentos, que são condutas. Econômica, seus gestos não tem necessidade de qualquer eloquência, já que ela se move e existe, ao menos profissionalmente, num espaço de quase anonimato – para os pacientes. As UTIs são espaços restritos, cujo acesso só é possível a poucas pessoas, em situações muito específicas. Com alguma sorte, alguns dos que leem esse texto não conhecerão pessoalmente um ambiente de UTI – outros serão mais ou menos afortunados quando conhecerem-no. Não que elas sejam lugares destinados ao castigo, ao suplício, ou a qualquer forma de punição. Não se trata disso. Trata-se, outrossim, de um espaço de sofrimento maximamente regrado, controlado, beneficiado. De uma maquinaria humana levada a um limite. Todos os adereços devem ser deixados antes de se entrar na UTI. Todos os funcionários utilizam uma roupa padronizada, sóbria, com as cores da instituição. O dia começa com o lavar as mãos. Há um certo ascetismo na dra. T.K. Cabelos presos sob as toucas, calçados fechados protegidos, luvas para examinar os pacientes, alguma maquiagem é permitida – certas vaidades protegem-nos. É

---

<sup>77</sup> SOBRATI-UTI: História da UTI. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KILH40yCoB0&hl=pt&gl=BR> Acesso em 18 mai. 2016.

preciso sobriedade no controle da vida e da morte. A dra. T.K. fará aquilo que suas competências profissionais e os recursos disponíveis permitirem para que os pacientes dos leitos da UTI percorram os protocolos conforme preconizado, sem surpresas, sem o absolutamente imprevisto. A morte também é protocolar, plenamente possível.

É possível que essa gestualidade contida, marcada, mecânica, sua expressão talvez gentil e grave, ou talvez grave e arrogante, cause a impressão de se tratar de alguém com pouca capacidade de afecção, pouca abertura aos devires, com pouco espaço para a poesia. Apesar dessa primeira impressão (linha segmentar), não sabemos que linhas flexíveis atravessam e são percorridas pela dra. T.K. Os devires estão por todo canto. Mais tarde, no intervalo do mesmo plantão, ao tomar café, T.K. sentiu que precisava fumar. A verdade é que esse sempre fora seu medo: adormecer com um cigarro na mão, depois de algumas doses de uísque, e causar um incêndio. E quanto mais pensava nisso, mais precisava fumar, sentir a fumaça represada no peito escoando lenta e elegantemente pela boca, pelas narinas. Cerrava um pouco os olhos ao tragar. Sentia que isso a ajudava a pensar com mais agudez. Ao voltar do dormitório para a unidade intensiva, T.K. considerou as linhas do rosto de G.H. e compreendeu silenciosamente. Ela também e todas as mulheres da humanidade – haveriam mulheres pós-humanas? – também estavam, de um modo ou de outro, mutiladas, pele aberta por fogo, sobre um leito, exiladas e conectadas (a quê?), lutando – uma massa surda e informe, devir-mulher, rizoma. Era a G.H. nela quem lutava, quem bramia uma força larga e indomável, a G.H. nela era a indócil, e, no entanto, G.H. era para T.K. uma completa estranha.

Se a técnica científica produz um determinado território, mesmo fora do seu *locus* específico – pulverização do Tribunal em Kafka –, há que se considerar que as dobras se fazem nesses *loci*, as brechas entre os estratos, o momento em que é a técnica que entra na máquina de guerra.

Cruzando os corredores do mesmo hospital aproxima-se também outra médica. Essa, menos grave que a anterior, porém com uma sobriedade familiar. E.L., que faz questão de não ser chamada de doutora, pois ainda nem concluiu seu mestrado, quem dirá o doutorado, traz uma expressão que quer parecer serena e compreensiva e, ao mover-se, deixa o olhar pousar com um certo vagar no olhar de quem vem. E.L. é uma médica paliativista. Enquanto atravessa a enfermaria para chegar à UTI, traz à mão um tabuleiro de xadrez com o qual pretende satisfazer o pedido de um dos pacientes. É que esse outro paciente era um homem que tinha o hábito de jogar xadrez com os amigos na pracinha próxima à sua casa, o que lhe fazia falta desde que fora internado. Ter o tabuleiro à mão, no quarto, podia ser útil de qualquer forma. Nunca se sabe quem pode vir visitá-lo hoje, pensa, enquanto caminha em direção ao seu setor

e sorri, cumprimentando o capelão do hospital que acaba de sair de uma das enfermarias. Após cumprimentar a dra. T.K., já na UTI, E.L., repousa o tabuleiro delicadamente sobre o balcão antes de dirigir-se a G.H.

Os interesses em questão no cotidiano de trabalho de E.L. são bastante distintos de sua colega dra. T.K., de modo geral. A começar pela escassez de protocolos nessa área. O que E.L. faz é acompanhar quem se encontra com doenças crônicas, graves, ameaçadoras da continuidade de vida, com a intenção não de curá-los, mas de suavizar os sofrimentos e de oportunizar o desenvolvimento das potencialidades de vida ainda que em face de uma morte anunciada e inevitável – o que nem sempre acontece. Para isso, não há protocolo internacional pré-estabelecido – apesar de já haver tentativas de criar escalas de avaliação de sintomas, ou mesmo de protocolos de comunicação de más notícias, por exemplo, o estabelecimento dessas práticas é bem menos rígido do que no ambiente de cuidados intensivos. Importa muito menos a eficiência, a economia dos gestos, o controle detalhado dos parâmetros bio-físico-químicos do organismo, do que saber como o outro está se sentindo naquele momento, o que gostaria de fazer, como poderia diminuir seu desconforto – em outras palavras, ocupa-se da qualidade daquela experiência. Ao contrário de dra. T.K. que precisa se livrar de tudo o que parecer pessoal, biográfico, excêntrico, E.L. gosta de ser notada. Em geral, não usa luvas a menos que extremamente necessário, os adereços e tatuagens não estão impedidos de serem expostos. Emocionar-se e expressar suas emoções não é uma dificuldade para E.L., já que a empatia é uma das qualidades encorajadas pelas políticas de humanização em saúde.<sup>78</sup>

Seria entretanto apressado concluir, apenas de um *coup d'œil*, que E.L. estaria, ao contrário da dra. T.K., mais aberta aos devires, mais permeável aos afetos, mais contaminada de arte e de vida. É que a linha segmentar em E.L. tem eixos mais marcados por elementos distintos da ciência biomédica, porém nem por isso menos duros, menos segmentares, isto é, a própria humanização se constitui para E.L. como rosto. Com efeito, as qualidades que permeiam sua prática – empatia, cordialidade, tristeza, esperança, conforto, congruência – não são outra coisa senão um outro regime de regramento, de normatização de um corpo, dessa vez

---

<sup>78</sup> “O HumanizaSUS, instituído em 2003, apresenta-se como uma aposta nas mudanças das práticas e na valorização de processos sociais e subjetivos, ou seja, sustenta-se em tecnologias relacionais para produzir saúde. Partindo do entendimento de que novos modos de pensar, perceber, sentir e fazer na saúde não se consolidam sem posicionar a subjetividade em um lugar de destaque, o HumanizaSUS reconhece a centralidade dos processos de subjetivação de todos os atores envolvidos na produção de saúde (usuários, trabalhadores e gestores) para a modificação de práticas, culturas e sujeitos e, com isso, possibilitar a efetivação do projeto assistencial do Sistema Único de Saúde (SUS)” PEREIRA, Alessandra Barbosa, FERREIRA NETO, José Leite, Processo de implantação da política nacional de humanização em hospital geral público, Trab. Ed. Saúde, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 67-87, jan./abr. 2015.

pela via da antropomorfização.<sup>79</sup>

O olhar doce de E.L. repousou por alguns segundos sobre o de G.H., que agora já estava desperta, apesar de ainda conectada ao ventilador mecânico. Havia ali algum elemento ígneo, uma faísca residual incendiária. G.H. emitia ao redor de si partículas-molotov, campo magnético que provocava algo incerto embora crescente em E.L. É que G.H. não se parecia em nada com o Ivan Ilitch de Tolstói, de quem a médica se compadecia no sofrimento humano do desamparo em face da morte. E.L. já havia identificado inúmeros olhares-Ivan-Ilitch, como nomeava esse olhar tempestuoso, mistura de raiva, dor, medo, tristeza, culpa, saudade. Havia, ainda, uns poucos que atingiam um outro olhar, o da serenidade resignada. Um tipo de bondade. Mas o que se passava em G.H. era inteiramente outra coisa. Sem saber, G.H. tinha visto algo grande demais. E isso era o bastante para que o intolerável não fosse a morte próxima, ou a solidão do personagem de Tolstói, mas essa luz silenciosa que pode apenas ser parcialmente adivinhada e cuidadosamente não entendida.

Faço parte da maçonaria dos que viram uma vez o ovo e o renegam como forma de protegê-lo. Somos os que se abstêm de destruir, e nisso se consomem. Nós, agentes disfarçados e distribuídos pelas funções menos reveladoras, nós às vezes nos reconhecemos. A um certo modo de olhar, a um jeito de dar a mão, nós nos reconhecemos e a isto chamamos de amor. [...] Já me foi dado muito; isto, por exemplo: uma vez ou outra, com o coração batendo pelo privilégio, eu pelo menos sei que não estou reconhecendo ! com o coração batendo de emoção, eu pelo menos não compreendo ! com o coração batendo de confiança, eu pelo menos não sei.<sup>80</sup>

Ao aproximar-se do leito, a médica não percebera, mas estava imersa nesse campo, nessa nuvem virtual de partículas de caos, de velocidades infinitas e de movimentos ilimitados. Tudo era amplidão. O mar, o mar. Superfície cega. Foi só então que se deu conta de que não sabia o que falar. Pela primeira vez em muito tempo, E.L. não tinha qualquer palavra. Balbuciou alguma coisa desconexa. Sílabas soltas. Não chegou a sentir vergonha – talvez se estivesse pensando com palavras teria se culpado – mas já ela toda estava vibrando em algo que poderíamos chamar estado de graça. G.H. não era uma santa. Era exatamente o contrário. Vaca profana<sup>81</sup> jorrando leite em jatos delirantes que atingiam-na sem que pudesse ou quisesse

---

<sup>79</sup> Sugerimos enfaticamente o texto foucaultiano intitulado “O sono antropológico”, do qual citamos o seguinte trecho: “Se a descoberta do Retorno é, realmente, o fim da filosofia, então o fim do homem é o retorno do começo da filosofia. Em nossos dias não se pode mais pensar senão no vazio do homem desaparecido. Pois esse vazio não escava uma carência; não prescreve uma lacuna a ser preenchida. Não é nem mais nem menos que o desdobrar de um espaço onde, enfim, é de novo possível pensar.” Foucault, Michel, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; trad. Salma Tannus Muchail. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 473

<sup>80</sup> LISPECTOR, Clarice; *O ovo e a galinha*. In. *A Legião Estrangeira*. São Paulo, Ática, 1977. p. 81-84.

<sup>81</sup> “Respeito muito minhas lágrimas/ mas ainda mais minha risada/ inscrevo assim minhas palavras/ na voz de uma

desviar. Gradualmente, algo proliferava no silêncio. Havia uma tensão intolerável. Foi então que aconteceu. Pequeno desvio da comissura labial da médica bilateralmente, produzindo um leve achatamento dos lábios e um redirecionamento no sentido súpero-lateral. A mais estranha sensação. E então, em grandes golfadas, uma grande e seca gargalhada atravessou-a toda, fazendo calar por alguns segundos os *bips* na UTI. Era uma gargalhada difícil, cheia de dentes, ultrassônica. Não era propriamente a E.L. quem ria. Muito menos ria-se de algo ou de G.H. Dir-se-ia que tratava-se antes de um grito, de um urro ou de um estalido de martelos medievais forjando espadas flamejantes. Uma boca cheia de dentes ria sem sequer precisar de E.L. – ela nem mais existia. Fluxos de riso, de massa brancacenta da barata, de leite profano.

É sobre diferentes linhas de agenciamentos complexos que os poderes conduzem suas experimentações, mas onde surgem também experimentadores de uma outra espécie, frustrando as previsões, traçando linhas de fuga ativas, procurando a conjugação dessas linhas, precipitando sua velocidade ou sua lentidão, criando pedaço por pedaço o plano de consistência, com uma máquina de guerra que mediria, a cada passo, os perigos que ela encontra.<sup>82</sup>

É sobre o próprio segmento de territorialização (o lar – G.H., a tecnociência – T.K., a humanização – E.L.) que escoam, vazam, bifurcam-se as linhas moleculares, passando pelos poros para constituir um plano de imanência, corpo poroso.

---

mulher sagrada/ vaca profana põe teus cornos/ pra fora e acima da manada/ vaca profana põe teus cornos/ pra fora e acima da man.../ Ê!/ dona das divinas tetas/ derrama leite bom na minha cara/ e o leite mau na cara dos caretas” VELOSO, Caetano, COSTA, Gal. Vaca profana. Letra de música. Disponível (letra e vídeo) em: <<https://www.vagalume.com.br/gal-costa/vaca-profana-2.html>> Acesso em 20 mai. 2016.

<sup>82</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire ... *Op. Cit.* p.168.



**PASSAGEM III**

**Porosidade: ode ao vento**

### 3.1. Passagens e fluxos

*“pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa”*<sup>83</sup>

O poro é abertura, permeabilidade seletiva. Ele não se confunde com um orifício já fixo, com funções estabelecidas, como o canal auditivo ou o ânus. O orifício estabelece zonas de proximidade ou distância, cria gradientes, constitui referências, localização. O poro, por sua vez, é multiplicidade, rizoma, massa molecular, indiscernibilidade, disjunção. Um orifício pode, não obstante, passar pelo poro, deslizar sobre os planos e desterritorializar-se, constituindo novos agenciamentos – por exemplo: orelha-câmara escura em David Lynch (*Veludo Azul*), *cupoesia-prece* em Adélia Prado<sup>84</sup>. Assim, o que interessa ao poro é o movimento – rápido ou lento –, a impermanência. Um corpo poroso está sempre diferindo, passando, em devir.

Nesse sentido, essa cartografia buscou traçar as linhas e demarcar os planos de um processo de mutação, de escoamento, na medida em que o próprio processo acontecia. Esse percurso, está claro, teve de correr riscos, experimentar diferentes ritmos, declives, tropeços, saltos, acelerações, desvios, cortes. Houve períodos de intensa lentidão, outros de fluxo vertiginoso. Alguns encontros tristes e muitos alegres.

Nessa perspectiva, a educação se constituiu como plano percorrido por coordenadas extensivas e ordenadas intensivas, formando eixos de estratificação e de dissolução. A máquina diagramática estria o plano com as linhas extensivas (que atualizam o virtual) produzindo máquinas concretas e agenciamentos coletivos de enunciação, organismo e rosto. Essa máquina diagramática conecta diversos elementos, agenciamentos concretos e máquinas abstratas: universidade, hospital, unidade de saúde da família, mídia, igreja, academias de ginástica, escola, periódicos científicos, sociedades de especialistas, indústria farmacêutica, Estado, todos delineiam traços que fixam os movimentos em estratos que se articulam em um organismo – corpo médico ou corpo da saúde – e aos quais também articulam-se linhas flexíveis que fazem-no escorrer, vazar, desaguar em corpo sem órgãos – corpo poroso. Assim, os deslocamentos em diversos planos, sua superposição, dobras e desdobramentos produzem diferentes

<sup>83</sup> Deleuze, Gilles, Guattari, Félix, *O que é a filosofia?*, trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 53.

<sup>84</sup> “De tal ordem é e tão precioso / o que devo dizer-lhes / que não posso guardá-lo / sem que me oprima a sensação de um roubo: / cu é lindo! / Fazei o que puderdes com esta dádiva. / Quanto a mim dou graças / pelo que agora sei / e, mais que perdão, eu amo.” PRADO, Adélia. *Objeto e amor*. In. *Poesia Reunida*. 10ª ed. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 321.

agenciamentos. As artes, as filosofias, a magia, as paixões, as ciências menores, os saberes tradicionais e populares, as atividades esportivas, os engajamentos políticos e sociais, toda sorte de encontros pode abrir caminhos para que movimentos aberrantes, linhas de fuga se insinuem e contraefetuem o esforço de homogeneização e de territorialização/estratificação da máquina abstrata. É por meio do poro que passam as linhas moleculares, mutantes.

Para Deleuze&Guattari<sup>85</sup>, filosofia, arte e ciência são os três modos do pensamento que se opõem à *doxa* e que recortam o caos, cada um à sua maneira. O caos, para eles, se define muito menos pela aleatoriedade dos movimentos de suas partículas do que pelas velocidades infinitas com que se movem elementos informes, criando, assim, infinitas ordens inapreensíveis. Substância informe, matéria vaga. Ele “*é um vazio que não é o nada, mas um virtual*”<sup>86</sup>.

Se a filosofia não abre mão do infinito, ainda que tenha a intenção de guardar uma certa consistência, a ciência, por sua vez, precisa como que congelar o movimento infinito e ilimitado (recortá-lo) para criar o plano de referência capaz de determinar constantes, definir medidas, produzir coordenadas extensivas.

Desse modo, esta pesquisa não tem qualquer pretensão de cientificidade. Isso se dá menos por qualquer tipo de concepção hierarquizada dos saberes do que pela própria natureza daquilo que lança-se adiante, problema. Com efeito, a questão que se coloca é como abrir poros, como fazê-los proliferar, numa tentativa de produzir diferença, de contraefetuar os (micro)fascismos no cotidiano, de resistir, de criar? Como criar um corpo poroso na medicina?

Uma vez que o movimento pelo poro é ilimitado e infinito, sua cartografia se faz marcando traços intensivos, num plano abstrato sem ser ideal, imanente sem ser empírico. E essa é uma demarcação epistêmica bastante sublinhada no campo da saúde coletiva, isto é, o plano de imanência no qual se desenha a cartografia abre novas possibilidades de pensar a Saúde Coletiva.

Isso porque, na América Latina, marcadamente nas décadas de 1970 e 80<sup>87</sup>, a saúde coletiva constitui-se como uma prática discursiva que se relaciona aos diversos movimentos sociais que giravam em torno das questões ligadas à saúde – dentre eles, no Brasil, o Movimento de Reforma Sanitária. Apesar da imprecisão conceitual do termo “saúde coletiva”, apontada

---

<sup>85</sup> Deleuze, Gilles, Guattari, Félix, O que é a filosofia?, trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. pp. 139 – 159

<sup>86</sup> *Ibid.*

<sup>87</sup> CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al., Tratado de Saúde Coletiva, São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006. pp. 295 – 313

pelos próprios pensadores do campo, parece haver um acordo ao se admitir que ele se estrutura em três eixos principais: ciências sociais e humanidades, epidemiologia e, como terceiro eixo, política e planejamento.

Essa divisão concede ênfase, como se nota, à ciência, apesar de assumir que se constitui em vizinhança com outras áreas do conhecimento científico. De todo modo, opera-se na Saúde Coletiva um binarismo qualitativo/quantitativo. Ambas as perspectivas reconhecem-se como ciência, divergindo, entretanto, em método e em certos pressupostos de representatividade e de poder de generalização e de reprodutibilidade. Sua ocupação, não obstante, consiste em criar referências novas para a saúde, de uma maneira ou de outra. Em outras palavras, ambas formam plano de referência, agenciando funções e variáveis que apresentam enquadramentos e limites distintos, que se articulam entre si, numa mesma máquina binária.

Ora, se esta cartografia não abre mão do infinito, tampouco pode ser localizada como qualitativa nem como quantitativa. Não é sequer uma terceira coisa. Situa-se em outro plano, plano de imanência, – pré-quantitativo e pré-qualitativo. Toma uma linha que passa, atravessa, conjuga, produz zonas de indistinção, espectro inperceptível *entre* os termos do binarismo, arrastando-os consigo ao longo de seu traçado, tornando-os outros a cada vez – bloco de devir. Trata-se, tão somente, de uma posição de aprendizado, de exercício do pensamento. A cartografia é uma experimentação, demanda um nomadismo do pensamento, uma leveza, uma alegria difícil. Só se cartografa dançando.

Assim, para desdobrar o problema recorreu-se à própria escrita como traço intensivo no diagrama. Dois personagens foram inventados: uma médica intensivista, T.K., e uma médica paliativista, E.L., ambas aderidas aos rostos que se desenharam em sua formação. T.K. constituiu-se por meio da identificação a uma moral disciplinar, técnico-científica, expressa por meio de um certo regime de signos. E.L., por sua vez, aderiu ao rosto da humanização, que se expressa numa moral sobretudo cristã e moderna (ainda que não seja necessário ser cristão para com ela identificar-se), racionalista, piedosa e individualizante. Ambas assinalam traços marcados por binarismos – cultura/natureza, bem/mal, eu/outro, sujeito/objeto, razão/emoção, interioridade/exterioridade – eliminando tudo aquilo que for considerado inumano das possibilidades de existência. Em ambos os casos, as personagens caminham até a margem de seus limiares e, aí, esperam, em face do próprio limite, cruzando-os. T.K. se depara com o excesso, o dispêndio, um atravessamento do todo um campo social de desejo. E.L. se depara com a desrazão e o inumano, formando zonas de indiscernibilidade, blocos de devir.

Para cruzarmos os limiares, seguramos a mão de G.H., personagem de Clarice Lispector, e com ela esgueiramo-nos entre o interstício, esse fora, atravessando os estratos na linha de

mistério e fogo que é o silêncio das coisas, a respiração do mundo. G.H. nos desertifica, criando um tempo paradoxal, um espaço liso, entrando em devires-inumanos, devir-neutro, agenciando populações por vir. A barata inscreve-se, múltipla, em nossa pele. Mil joias negras brilhantes, que são também seus olhos. As personagens precisavam passar pelo poro. Eu também.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. **Fragmentos**: 8 histórias e um conto inédito. – Porto Alegre: L&PM, 2010.
- BARRETO, Ivana Cristina de Holanda Cunha *et al.* Gestão participativa no SUS e a integração ensino, serviço e comunidade: a experiência da Liga de Saúde da Família. Fortaleza, CE. Revista *Saúde soc.* [online]. 2012, vol. 21. ISSN 0104-1290
- CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa *et al.* **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.
- COELHO, Ivan Batista. Formas de pensar e organizar o sistema de saúde: os modelos assistenciais em saúde. *In*: Gastão Wagner de Sousa Campos; André Vinicius Pires Guerreiro. (Org.). **Manual de Práticas de Atenção Básica**. 1ed. São Paulo: HUCITEC, 2008, v. Único.
- DANOWSKI, Déborah, **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado, 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Espinosa**: filosofia prática. Trad. Daniel Lins, Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Foucault**. Paris, Les éditions de minuit, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Trad. Roberto Machado et al. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo: Perspectiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. Cíntia Vieira da Silva – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia vol. 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi, São Paulo: Ed.34, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa, São Paulo: Ed. 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, São Paulo: Ed. 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suelly Rolnik. – São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª Edição)
- \_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico: As heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail, São Paulo: n-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. **Microfísica de poder**. Org. Roberto Machado, 26<sup>a</sup> ed, São Paulo: Graal, 2013.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica**. Trad. Roberto Machado, 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete, 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Trad. Antônio Luz Costa. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIL, José, **Movimento total**, São Paulo: Iluminuras, 2002.

JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa. **Histologia básica**, 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. **Currículo-nômade: sobrevôos de bruxas e travessias de piratas**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

LIMA, Jefferson Pinheiro. **A guerrilha do corpo sem órgãos contra a transcendência da tecnologia contemporânea**. Monografia. Faculdade de Filosofia. Universidade Estadual do Ceará, 2011.

LINS, Herley Medeiros. **O poro interrogado: relato sobre bioética, arte e coisas miúdas**. Orientação: Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto. *In: XIX ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DA UFC*. Fortaleza, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Lustre**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **O ovo e a galinha**. *In: A Legião Estrangeira*. São Paulo, Ática, 1977.

NANCY, Jean-Luc. **Arquívoda: do sensciente e do sentido**. Trad. Marcela Vieira, Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Iluminuras, 2014.

\_\_\_\_\_. **L-excrit, Alea**: Estudos Neolatinos. Rio de Janeiro, vol. 15, núm 2. jul/dez, 2013, pp. 312-320.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PEREIRA, Alessandra Barbosa; FERREIRA NETO, José Leite. Processo de implantação da política nacional de humanização em hospital geral público. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 67-87, jan./abr. 2015.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVA NETO, Francisco Ursino da. O desafio de produzir um saber ético: *pensamento-invenção* como experiência. TEXTO DIDÁTICO PARA DEBATE EM SALA DE AULA NO MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA, Universidade Federal do Ceará, 2014.

\_\_\_\_\_. Genealogia do problema: o que é pensar? (Parte 2). TEXTO DIDÁTICO PARA DEBATE EM SALA DE AULA NO MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA, Universidade Federal do Ceará, 2014.

TOLSTÓI, Lev. **A morte de Ivan Ilitch**. Trad. B. Schnaiderman, 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

VELOSO, Caetano.. Vaca profana. Intérprete: Gal Costa. *In*: COSTA, Gal. Profana. RCA, 1984. CD (39min50s), Faixa 1 (4min40s). Letra de música disponível (letra e vídeo) em: <<https://www.vagalume.com.br/gal-costa/vaca-profana-2.html>> Acesso em 20 mai. 2016.

YOUTUBE. **Panorama com Clarice Lispector**. Vídeo (28min31s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>>. Acesso em: 08 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **SOBRATI-UTI: História da UTI**. Vídeo (4min4s) Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KILH40yCoB0&hl=pt&gl=BR>> Acesso em 18 mai. 2016.